

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESPÓLIO NEOLÍTICO DA GRUTA DOS CARRASCOS

Monsanto, Alcanena

Victor dos Santos Gonçalves
e Ana Ramos Pereira

Na sequência dos seus trabalhos na Gruta da Marmota, um dos signatários ¹ interessou-se pelos diversos núcleos de materiais provenientes da região e que se encontravam arquivados no Museu Nacional de Arqueologia. Tais materiais consistiam em conjuntos de artefactos e em achados avulsos. Um dos conjuntos era proveniente da Lapa da Galinha, estava noticiado mas apenas muito parcialmente descrito ². Outro, encontrava-se integralmente inédito e era proveniente da Gruta dos Carrascos, Covão das Samorras ou Chamorras, também designada por Gruta de Monsanto.

O interesse pelo estudo destas estações justifica-se em poucas linhas: a Gruta da Marmota, após parecer uma normal necrópole do Bronze-Ferro ³, revelou na sua sala 2 importantes vestígios do que é possível chamar-se «neolítico dolménico». Ora o conjunto dos materiais da Lapa da Galinha (salvo excepções a considerar) parece coincidir tipologicamente com o corte 1 da sala 2 da Marmota (abreviadamente: Marmota S2 C1) de onde a importância dos possíveis paralelos a estabelecer.

Diferente era o caso do espólio neolítico dos Carrascos que, a um primeiro olhar, parecia de referir a um período anterior, sem dúvida mais próximo à importantíssima e inédita camada 2 do Abrigo 1 das Bocas (Rio Maior).

Em Janeiro de 1975, paralelamente ao inventário e desenho do espólio das Bocas e da Galinha, a publicar brevemente, iniciou-se o inventário dos materiais dos Carrascos, dispersos por algumas vitrinas do piso térreo do Museu Nacional de Arqueologia e «camuflados» em duas outras do primeiro andar (reservados). Retiraram-se os artefactos e objectos dos lugares onde se encontravam, ensacaram-se individualmente e, feito isto, foram confiados ao laboratório do Museu Nacional de Arqueologia onde a Dr.^a Maria Elizabeth Costa se encarregou da sua limpeza e, nalguns casos, impregnação, após o que se iniciou o seu estudo.

Ana Ramos Pereira ocupou-se particularmente da ambientação geomorfológica, das circunstâncias do achado e exploração, e desenhou os artefactos. Victor dos Santos Gonçalves tratou da fotografia, da descrição dos materiais e da ambientação cultural.

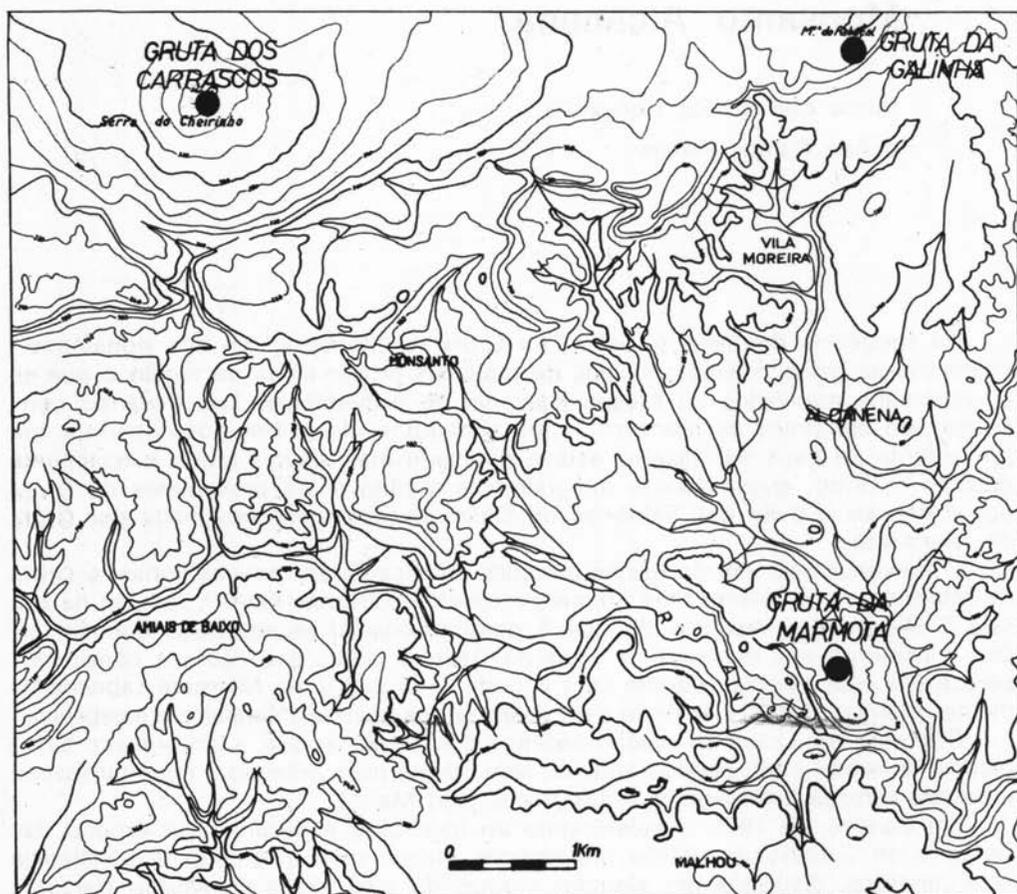
¹ VSG

² Maria Cristina Moreira de Sá—A Lapa da Galinha, *Actas e Mem. do I Congresso Nacional de Arqueologia*, Lisboa, 1959, pp. 117-131

³ Victor dos Santos Gonçalves—Uma nova necrópole da Idade do Bronze: a Gruta da Marmota, *Arqueólogo Português*, Série III, vol. VI, Lisboa, 1972, págs. 213-218.

1. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

Toda esta região (das Grutas dos Carrascos, Galinha e Marmota) faz parte do vasto conjunto do Maciço Calcário Estremenho e em particular da serra d'Aire (ver mapa 1).



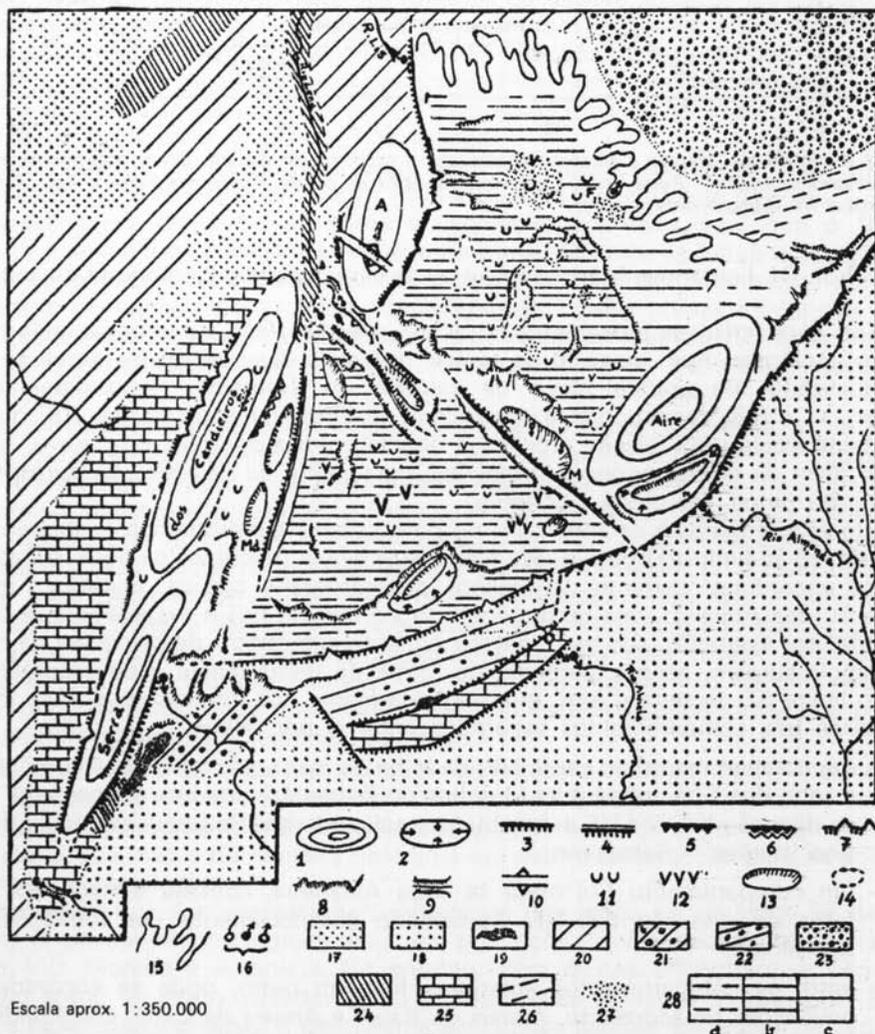
Mapa 1 - As Grutas dos Carrascos, Galinha e Marmota

Este maciço pode individualizar-se perfeitamente do ponto de vista geográfico ⁴.

Desenvolve-se acima dos 200 metros, dominando as regiões circunvizinhas. É constituído por três compartimentos mais altos — a serra dos Candeeiros; o planalto de Santo António e a serra d'Aire —, separados pelas depressões de Minde-Alvados e da Mendiga (ver mapa 2 e fig. 1). No que diz respeito à morfologia, é de notar a complexidade das formas, quer no seu conjunto quer no particular das formas cársicas, encontrando-se campos de lapiás, algares, depressões fechadas, atapetadas de argila de descalcificação.

⁴ A. Fernandes Martins — *Maciço Calcário Estremenho. Contribuição para Um Estudo de Geografia Física*. Coimbra Editora, Coimbra 1949, 249 pp.

CARTA MORFOLÓGICA ESQUEMÁTICA E PROVISÓRIA
DO MACIÇO CALCÁRIO ESTREMENHO



Escala aprox. 1:350.000

Mapa 2 - Carta morfológica do Maciço Calcário Estremenho: 1 — Abóbadas anuclinais; 2 — Cuvetas sinclinais; 3 — Abrupto de escarpa de falha; 4 — Grande abrupto de escarpa de falha; 5 — Frente de cavalgamento; 6 — Cavalgamento que se traduz por uma inversão do relevo; 7 — Vales suspensos por falha; 8 — Escarpa de erosão, cornijas de calcário duro e vertentes abruptas dos vales; 9 — Canhão; 10 — Vale transversal de dobras anticlinais (cluse); 11 — Sectores com bastantes dolinas; 12 — Sectores onde predominam algares; 13 — Polja e depressões análogas; 14 — Outras células cársicas (uvalas, vales cegos); 15 — Sector onde predominam os valesiros de vertentes em down; 16 — Perda; exsurgências e ressurgências; 17 — Superfície pliocénica dos confins ocidentais do Maciço; 18 — Bacia terciária do Tejo; 19 — Rochas eruptivas eocénicas que se traduzem no relevo; 20 — Colinas modeladas nas formações do Neojurássico; 21 — Colinas modeladas no Belasiano; 22 — Belasiano do fundo do graben dos Amiais; 23 — Bacia cretácica de Ourém; 24 — Vales tifónicos; 25 — Regiões calcárias carsificadas exteriores ao Maciço; 26 — Nível da charneca; 27 — Formações siliciosas grosseiras superficiais jacentes nos planaltos; 28 — Planaltos carsificados; a — planalto de Santo António; b — planalto de São Mamede; c — plataforma de Fátima. Abreviaturas; F — Fátima; A — antinical do Alqueidão; M — Minde; Md — Mendiga. N. B. — Por lapso não foram figuradas no desenho as manchas da formação siliciosa grosseira do Arrimal e de Santa Catarina da Serra. Extraído da op. cit. em (4)

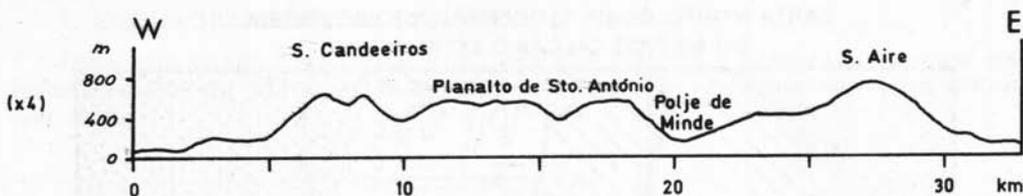


Fig. 1 - Perfil do Maciço Calcário Estremenho — extraído da op. cit. em ⁴, mostrando as três unidades referidas — Serra dos Candeeiros, Planalto de Santo António e Serra d'Aire. A escala vertical foi sobreelevada 4 vezes.

O Prof. Dr. Fernandes Martins refere-se às características geológicas da seguinte forma:

«Tais características hipsométricas (acima referidas) são sublinhadas pela constituição geológica: num mosaico de rochas das mais diversas idades ergue-se bem individualizado um grande bloco de calcário do Jurássico, nomeadamente do Dogger...»⁵ e que corresponde à região que se desenvolve acima de 200 metros.

Assim, existe uma relação próxima e directa entre a geologia e o relevo, pois o maciço além de corresponder a formações, geralmente de calcário, do Jurássico, é um grande bloco soerguido por falha.

O maciço é também caracterizado do ponto de vista hidrográfico (e diferenciando-se da região limítrofe) pela quase total inexistência de cursos de água subaéreos. Nele se encontram, portanto, fenómenos de hidrografia cársica: perdas (a do rio Alviela ou dos Amiais); uma ressurgência (a do mesmo rio) e exsurgência (a do rio Almonda, por exemplo). Assim, o maciço constitui um centro de dispersão de águas que depois surgem, na sua periferia, na forma de ressurgência e de exsurgências.

No limite SE da serra d'Aire, que particularmente nos interessa ⁶, podem individualizar-se três compartimentos separados entre si por falhas:

- um compartimento no canto NW da folha do mapa geológico, que compreende a serra dos Cheirinhos e os Moinhos do Rabaçal, limitado a sul por uma falha de direcção WSW-ENE e constituído quase totalmente por calcários do Jurássico Inferior — Batoniano;
- um compartimento Sul onde se situa Alcanena, limitado a norte por uma falha de direcção SW-NE, constituído essencialmente por formações do Miocénico;
- entre os compartimentos anteriores fica um outro, onde se encontram as povoações de Monsanto, Amiais de Baixo e Amiais de Cima, constituído por formações do Batoniano, Oxfordiano (Jurássico), Aptiano-Albiano, Turoniano (Cretácio) e Oligocénico.

A estas unidades geológicas correspondem, do ponto de vista morfológico, dois tipos de paisagem: um correspondente ao compartimento formado pelos calcários do Batoniano, que constitui o limite SE da serra d'Aire e domina o outro situado imediatamente a Sueste. No primeiro, as altitudes atingem 360 metros na serra dos Cheirinhos, onde se localiza a Gruta dos Carrascos, e 208 metros nos Moinhos do

⁵ Op. cit., p. 35.

⁶ Mapa geológico, folha de Torres Novas, n.º 27C, 1:50 000, dos Serviços Geológicos de Portugal (1969).

Mapa topográfico, folhas de Alcanede e Torres Novas n.ºs 328 e 329 respectivamente, 1:25 000, do Serviço Cartográfico do Exército (1941 e 1942).

Rabaçal, onde se situa a Gruta da Galinha. A paisagem nesta unidade é caracterizada por um relevo ondulado, sem grandes rupturas de declive, excepto no seu limite sul correspondente às escarpas de falha. A outra, a cotas inferiores, é constituída pelos outros dois compartimentos geológicos. É uma área completamente distinta da anterior, profundamente recortada pela rede hidrográfica, com interflúvios de todos planos que, no entanto, não ultrapassam os 180 metros. A Gruta da Marmota situa-se nesta unidade morfológica à cota dos 100 metros.

Dado que, de um modo geral, nesta região as altitudes diminuem para Sudeste, a orientação geral da rede hidrográfica (que é afluente do Tejo) é de NW-SE.

Numa breve referência ao clima e vegetação podemos dizer que o Maciço Calcário Estremenho se encontra na faixa de transição entre as influências atlânticas e as mediterrâneas. As características do regime termopluviométrico permitem designá-lo por clima mediterrânico, tipo português ⁷ pelas nítidas influências atlânticas que apresenta. A vegetação arbustiva é de carrasco, espinheiro, aroeira e esteva. As árvores características são sobreiros, loureiros, oliveiras. Na obra atrás citada o autor refere:

«Assim tão diferenciado das regiões confinantes pelas características de hipsometria, pelas formações geológicas, pela carência quase total de drenagem sub-aérea e escassez de pontos de água é reforçada ainda na sua fisionomia particular pelo típico revestimento vegetal, a individualidade do Maciço Calcário Estremenho não pode oferecer dúvidas» ⁸. E adiante acrescenta: «O manto de vegetação sublinha as características mediterrânicas do Maciço Calcário Estremenho. A favor da secura estival pode desenvolver-se um povoamento de xerófilas, que nem a pluviosidade dos meses de Inverno deteve, mas será conveniente referir que não apenas o clima mas também a rocha predominante na estrutura contribui para esbater as influências que a situação em latitude acarreta — e desse jogo harmónico de circunstâncias climáticas e de solo resulta o ar mediterrâneo da vegetação espontânea que por sua vez sublinha o tom tradicional da paisagem.» ⁹

Se dos pontos de vista hipsométrico, geológico e hidrográfico, o Maciço Calcário Estremenho é perfeitamente individualizável, também do ponto de vista de densidade de povoamento o é. Fernandes Martins refere-o da seguinte forma «...seco e de rocha nua, não é de maneira nenhuma um centro de atracção para os homens: centrifuga a população» ¹⁰.

Na região que nos interessa particularmente (ver mapa 1), no limite SE da serra d'Aire, o povoamento é aglomerado em povoações como Monsanto, Amiais de Baixo, Vila Moreira e Alcanena. No entanto, além destas, encontram-se pequenos agrupamentos ou casas isoladas junto a depressões fechadas e nos vales secos, onde a terra rossa e o felgar ¹¹ permitem a agricultura, sempre em regime de sequeiro. A população dedica-se também à criação de gado miúdo que desce a Serra no Verão para nas terras baixas procurar água e melhores pastagens.

Assim, as actividades fundamentais da população são uma agricultura pobre e uma criação de gado pouco rentável, vincando a individualidade da serra e «opondo dignamente uma pobreza austera a uma maior abundância dos vizinhos» ¹².

⁷ Definido por E. De Martonne — *Traité de Géographie Physique*, 75, tomo I, pp. 267 e ss.

⁸ Op. cit. em (4) p. 39.

⁹ Op. cit. em (4) p. 229.

¹⁰ Op. cit. em (4), p. 40.

¹¹ Trata-se de terra rossa enriquecida de matéria orgânica e que os naturais designam por felgar — referido na obra citada em (4).

¹² Op. cit. em (4), pp. 55 e 56.

2. AS CIRCUNSTÂNCIAS DO ACHADO E EXPLORAÇÃO

A primeira referência escrita relativa à Gruta dos Carrascos é de Almeida Carvalhais que em Junho de 1908 procedeu à sua exploração, sob direcção de Félix Alves Pereira.

Segundo o autor, a Gruta dos Carrascos já tinha então sido descoberta e explorada, visto ele ter recolhido materiais, tais como ossos, machados e facas de sílex, retirados pelo então administrador do concelho. No entanto, não se sabe nem quando nem quem achou a gruta.

Almeida Carvalhais salienta a dificuldade de exploração, não só pela pequena entrada (cerca de 80 cm de largura e 1,10 m de altura) como pela sua profundidade (cerca de 3 m). Daí, não só a dificuldade de entrada na gruta como a de todo o trabalho de remoção de terras e respectiva crivagem.

Pelo aspecto, a gruta não parecia (refere o autor) ter mais que uma abertura, no entanto, é possível que em tempos recuados existisse outra ou outras, dado que em grutas calcárias são frequentes os desabamentos assim como o desaparecimento de pequenas aberturas como consequência da circulação de águas.

Da exploração da camada de cerca de 2 m de espessura, feita anteriormente a Almeida Carvalhais, não é conhecida nenhuma referência estratigráfica e os ossos e fragmentos de cerâmica encontrados estavam completamente misturados. Nesta camada superficial revolvida foram encontradas 11 ossadas humanas, contas, facas, machados de pedra, raspadores de sílex e de dente de javali, raros vasos cerâmicos e alguns ossos de animais do género *canis* e *lepus*, conchas e búzios perfurados.

Soube o autor, pelos anteriores exploradores, que as ossadas humanas eram ladeadas por fragmentos de rocha calcária e, nos intervalos, por uma pequena camada de terra.

A camada subjacente era separada da referida por uma laje de rocha calcária de espessura variável, mas nunca superior a 20 cm. Nesta camada apenas foram encontradas duas ossadas humanas encostadas à parede lateral Este da gruta e que se encontravam mais ou menos decompostas; vestígios de caça, algumas contas de calcite e xisto luzente, raros fragmentos de carvão, ausência quase completa de objectos de uso comum e cerâmica. Esta camada tinha a espessura de um metro, diminuindo para a parte central.

De salientar a existência de uma pequena cavidade preenchida por cinzas e grandes fragmentos de carvão e ossos de animais selvagens com sinais de calcinação.

3. REGISTO E DESCRIÇÃO DOS GRUPOS DE MATERIAIS MAIS SIGNIFICATIVOS

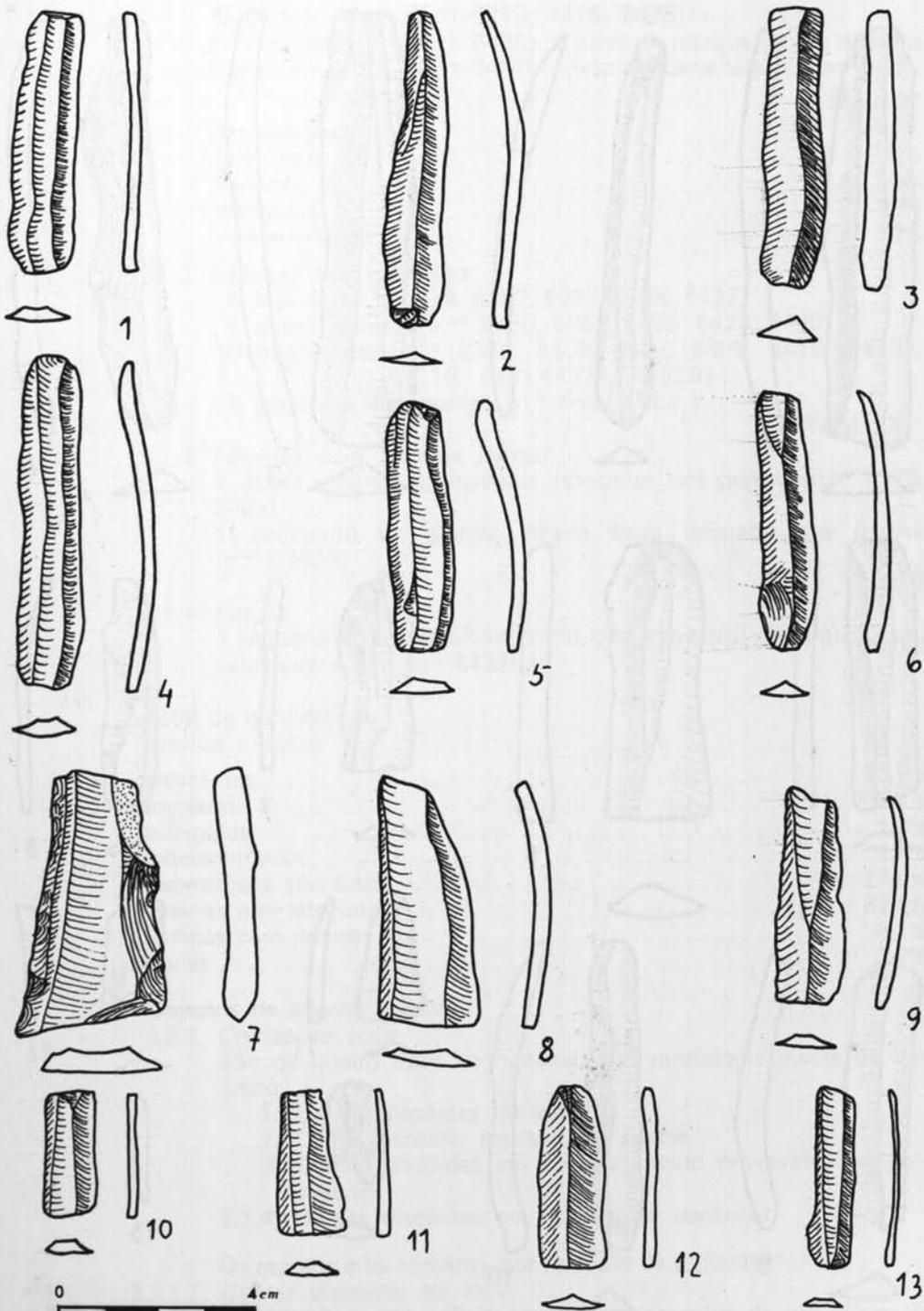
Desta descrição exclui-se o material lítico «pesado» (machados e enxós), de que no entanto se publicam os desenhos. Tal material foi encontrado separado do restante, com indicações que contradizem as das fichas do inventário do Museu. Nalgumas peças estavam claramente indicados os nomes «Monsanto» ou «Samorras» mas na maior parte não havia qualquer indicação explícita salvo, por vezes, o número de registo.

3.1. Material Lítico

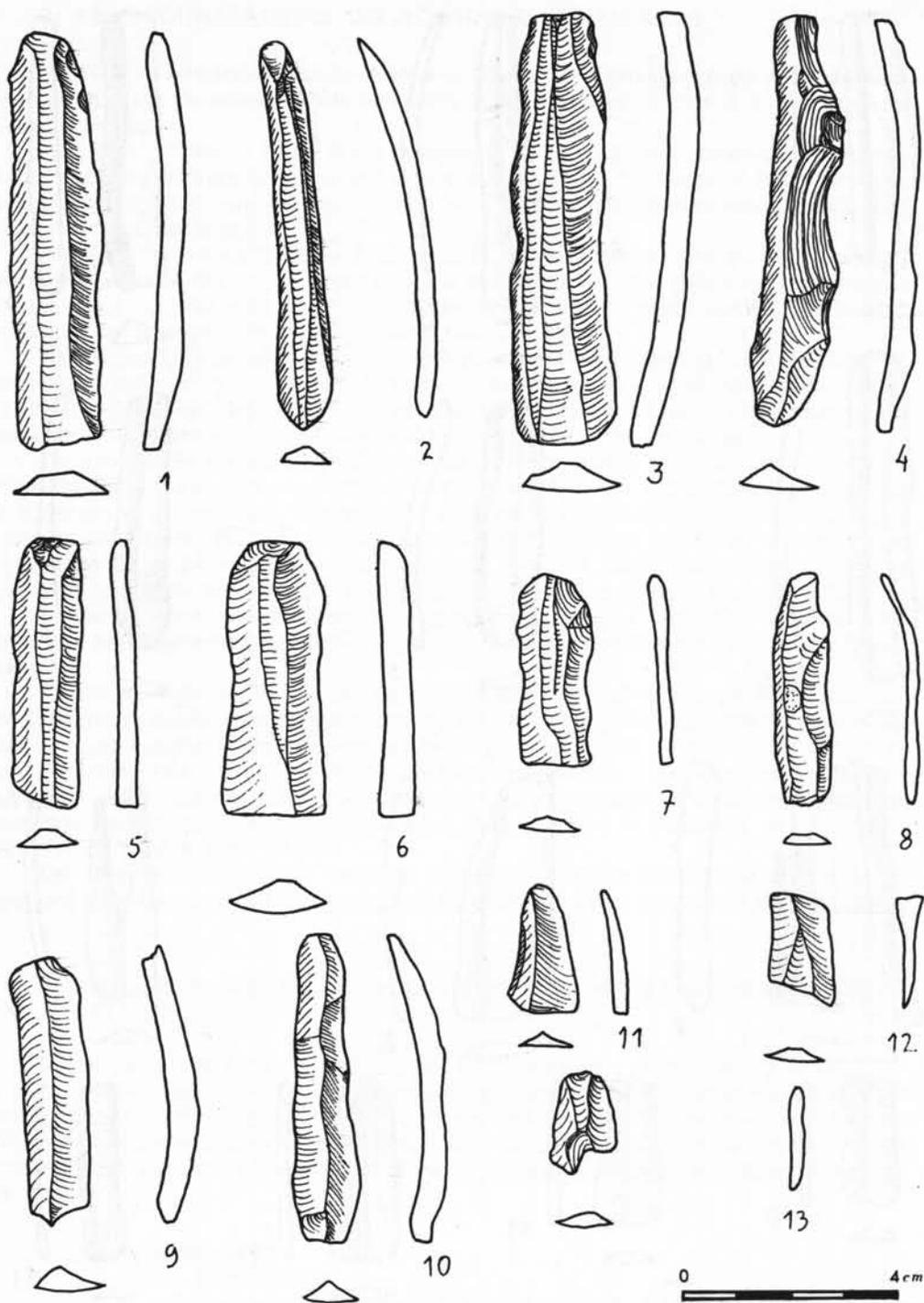
3.1.1. Geométricos

Crescentes 4 (n.ºs 6436, 6437, 6439, 6440)

1 (n.ºs 6433) trapézio transformado em crescente por retoque abrupto



Est. I - Indústria lítica (1 - 6381; 2 - 6379; 3 - 6429; 4 - 6380; 5 - 6406; 6 - 6408; 7 - 6396 A; 8 - 6431; 9 - 6409; 10 - 6432 B; 11 - 6411 A; 12 - 6432 A; 13 - 6410)



Est. II - Indústria lítica (1 - 6404; 2 - 6427; 3 - 6378; 4 - 6382; 5 - 6430; 6 - 6405; 7 - 6384; 8 - 6428; 9 - 6407; 10 - 6383; 11 - 6432 C; 12 - 6432 E; 13 - 6432 P)

Trapézios	3 (n.ºs 6413, 6416, 6438)
Triângulos	1 (n.ºs 6435) a partir do retoque de um trapézio
Indeterminado	1 (n.ºs 6417) talvez pequena lamela apontada

Total 10

percentagens

crescentes	50%
trapézios	30%
triângulos	10%
indeterminados	10%

3.1.2. *Lâminas não retocadas*

- 5 inteiras (n.ºs 6379, 6382, 6383, 6408, 6427)
- 5 quase inteiras (n.ºs 6380, 6381, 6406, 6429, 6430)
- 10 fragmentos (n.ºs 6384, 6405, 6407, 6409, 6410, 6411A, 6411B, 6431, 6432A, 6432B)
- 3 pequenos fragmentos (n.º 6432 C,E,F,)

Total 23

3.1.3. *Lâminas com retoque parcial*

- 2 quase inteiras, ligeiramente retocadas nos gumes (n.ºs 6378, 6404)
- 1 fragmento de grande lâmina larga retocada nos gumes (n.º 6396A)

Total 3

3.1.4. *Lascas*

- 1 pequena lasca, bolbo bem nítido, comprimento 3 cm, largura 2 cm, espessura 4 mm (n.º 6432G)

Total 1

Total de geométricos

lâminas e lascas	37
crescentes	13,5%
trapézios	8,1%
triângulos	2,7%
indeterminados	2,7%
geométricos (no total)	27,0%
lâminas não retocadas	62,2%
lâminas com retoque	8,1%
lascas	2,7%

3.2. **Objectos de adorno pessoal**

3.2.1. *Contas de colar*

São de quatro tipos de material, mas morfologicamente de um único.

- 1. Contas discóides de xisto
- 2. Conta discóide, espessa, de calcite
- 3. Contas discóides em concha (muito provavelmente *gly-cimeris*)

2.1.4. Contas discóides em concha de *dentalium*

Os registos e os números, por tipo, são os seguintes

3.2.1.1. *Contas discóides de xisto*

- 6389 18 contas e 5 fragmentos recuperados de um bloco de brecha com este número de registo. Dimensões médias idênticas aos do 6398.

6398	3 contas saídas por descasque do pedaço de brecha calcária registado com o mesmo número. \emptyset exterior: 6 mm \emptyset interior: 2 mm espessura: 0,5 mm em duas delas. As dimensões da outra: \emptyset exterior: 4 mm \emptyset interior: 1mm espessura: 0,5 mm	
6419	319 contas e 6 fragmentos \emptyset exterior: 5 a 6 mm \emptyset interior: 2 mm espessura: 1 a 1,5 mm	
6420	18 contas com as dimensões médias idênticas às anteriores	
6443	92 contas e 7 fragmentadas Dimensões médias: \emptyset exterior: 6,5 mm \emptyset interior: 2 mm espessura: 1 a 1,5 mm	
	Total	450
	(incluindo os fragmentos) .	468

3.2.1.2. *Conta discóide, espessa, de calcite*

6444	\emptyset exterior: 8,5 mm \emptyset interior: 3,5 mm espessura: 6 mm
------	---

Total 1

3.2.1.3. *Contas discóides em concha (muito provavelmente glycimeris)*

6418	53 contas \emptyset exterior: 9 mm \emptyset interior: 3 mm espessura: 2,5 a 3 mm
6442	8 contas \emptyset exterior: 9 mm \emptyset interior: 3,5 mm espessura: 2 mm
6393	5 contas com as dimensões médias das anteriores

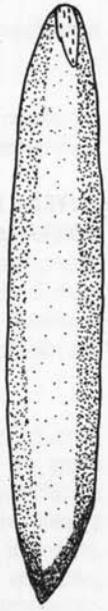
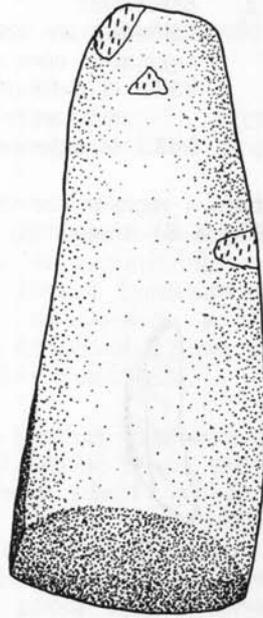
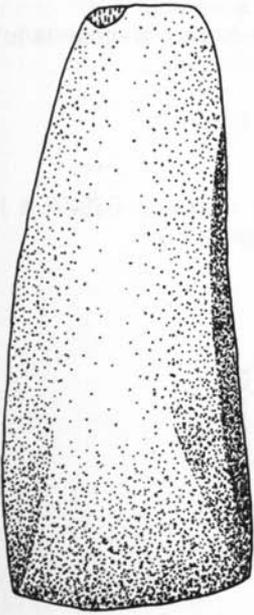
Total 66

3.2.1.4. *Contas cilindróides em concha de dentalium*

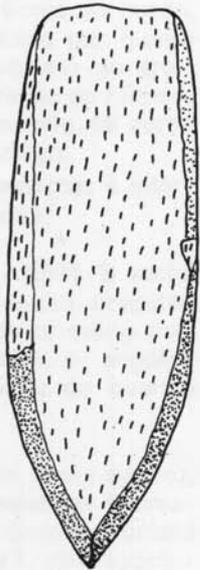
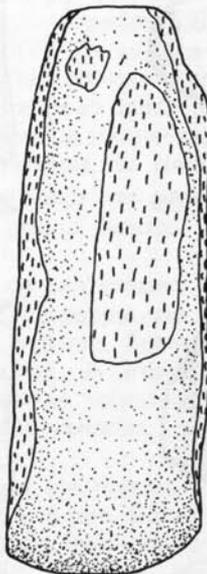
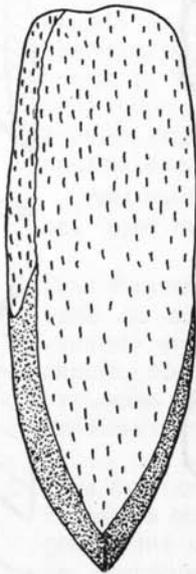
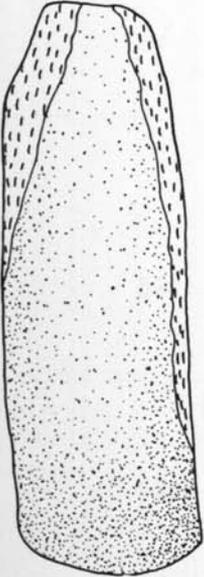
6389	7 contas
6420 (bis)	55 contas e 5 fragmentos de <i>dentalium</i>

Total 62

Resumo: total das contas de colar.....	597
percentagens: xisto.....	78,4%
calcite.....	0,1%
<i>glycimeris</i>	11,1%
<i>dentalium</i>	10,4%



1



2



Est. III - Indústria lítica (1 - 6371; 2 - 6372)

3.2.2. *Braceletes*

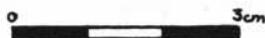
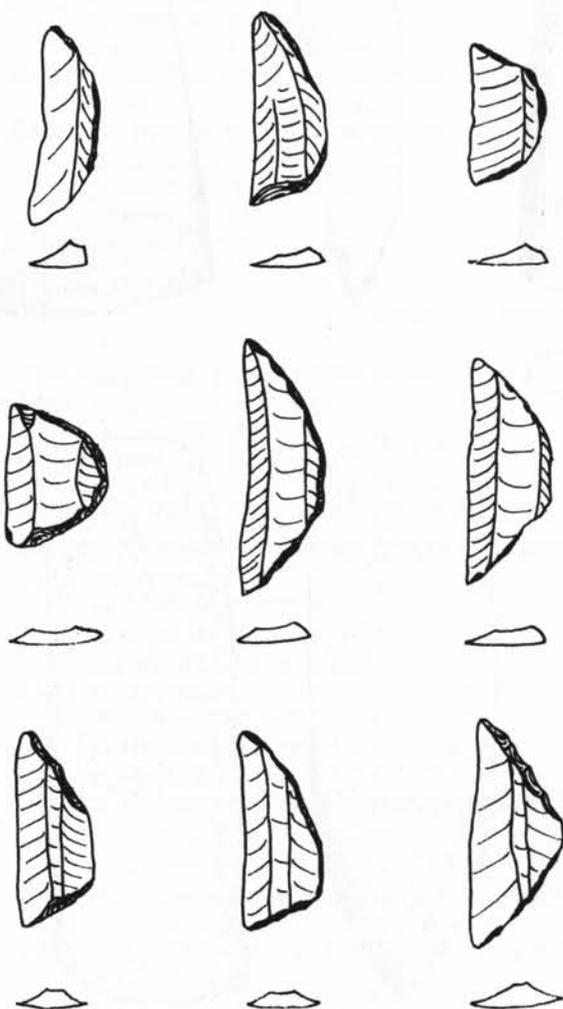
Talhados em concha de *glycimeris*. São 2 (um fragmentado)

6392 Ø exterior: 55/58 mm

Ø interior: 42 mm

6423 Ø exterior provável: 54 mm

NOTA: Há também a registar conchas de *glycimeris* inteiras (registos 6387A a I, 6401A a F, 6426A e B)-totalizando 17 exemplares bem conservados.



3.3. Cerâmica

A cerâmica da Gruta dos Carrascos cuja identificação foi possível é a seguinte:

6387 B Fragmento de cerâmica (fundo?). Espessura máxima: 13 mm. Alisado. Desengordurantes. Engobe castanho-claro.

6388 Grande fragmento de vaso semiesférico, com bordo definido por ligeiro estrangulamento que o circunda. Diâmetro provável: 16,4 cm. Espessura do bordo: 6 mm. Cozedura oxidante, revestimento a almagre. Mamilo alongado 3,2 cm na horizontal, 12 mm abaixo do bordo. Desengordurantes bem distribuídos.

6390 Fragmento cerâmico (bordo). Espessura no bordo: 9 mm. Asa vertical 5 mm abaixo do bordo, espessando do topo superior para o inferior (de 11 a 18 mm). Superfícies internas e externas alisadas. Pasta incluindo impurezas e desengordurantes de diâmetro igual ou inferior a 3 mm. Decoração obtida por impressões da ponta de um objecto, talvez um punção, ponta essa encurvada e irregular.

6390 (bis) Dois fragmentos de um grande vaso que (contrariamente às indicações do registo) não creio que seja o mesmo do número anterior. Bordo: 10 mm. Arranque e parte de um mamilo cuja inserção superior começa a 6 mm do bordo. Vestígios de outro(?). Decoração constituída por quatro linhas de impressões obtidas com um objecto ou artefacto muito semelhante ao usado na decoração do número anterior. Impressões que irradiam de um mamilo, tal como noutras peças cerâmicas do Neolítico Antigo.

Vestígios de alisador nas superfícies externas e internas, com traços pouco fundos, acanalados.

6391 A e B Dois fragmentos de um mesmo vaso (o 6391 B inclui parte do bordo). Espessura no bordo: muito irregular, variando entre 6 e 8 mm. Superfície exterior muito calcinada, com fissuras. A interior conserva o engobe. Impurezas constituídas sobretudo por grãos de quartzo de dimensões muito variadas.

6399 A e D Dois fragmentos de um mesmo vaso (um inclui bordo). Espessura no bordo: 6 mm. Superfícies revestidas a almagre de má qualidade, mal conservadas. Grande número de elementos não plásticos (impurezas? desengordurantes?) de diâmetros muito variáveis.

6399 B Fragmento cerâmico (bojo). Espessura: 8 mm. Desengordurantes em grande quantidade, incluindo pequenos fragmentos micáceos. Cozedura oxidante. Aplicação de almagre(?).

- 6399 C Fragmento cerâmico (bordo). Espessura no bordo: 4 mm. Revestido a almagre mas superfície em mau estado sobretudo a exterior. Desengordurante de diâmetro igual ou inferior a 2 mm.
- 6399 E Fragmento cerâmico incluindo pequeno resto do bordo. Espessura do bordo: 5 mm. Superfícies desgastadas por queda do desengordurante.
- 6399 F Fragmento cerâmico (bordo). Espessura no bordo: 7 mm. Cozedura oxidante. Desengordurantes irregularmente distribuídos incluindo fragmentos micáceos. Superfície interior já sem engobe que, no entanto, se conserva melhor ou pior na interior.
- 6422 A Fragmento cerâmico (bordo). Espessura: 4 mm. Pega de bordo, de inserção oblíqua à superfície exterior, apontada para cima. Comprimento na superfície exterior: 18 mm. Comprimento a partir do bordo interior: 12 mm. Superfícies de tratamento grosseiro. Pasta incluindo desengordurantes constituídos em grande parte por conchas moídas. Vestígios de um possível mamilo muito alongado, perfurado na horizontal na extremidade inferior do fragmento.
- 6441 A Fragmento cerâmico (bordo). Espessura no bordo: 5 mm. Espessura no limite inferior do fragmento: 7 mm. Asa de bordo, horizontal, sobrelevada ao plano do bordo. Decoração constituída por filas de incisões dispostas na vertical do bordo. Dimensões das incisões: 7 mm em média. Engobe avermelhado bem conservado na superfície exterior.

4. CONTEXTO ARQUEOLÓGICO A NÍVEL REGIONAL

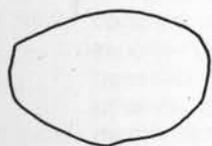
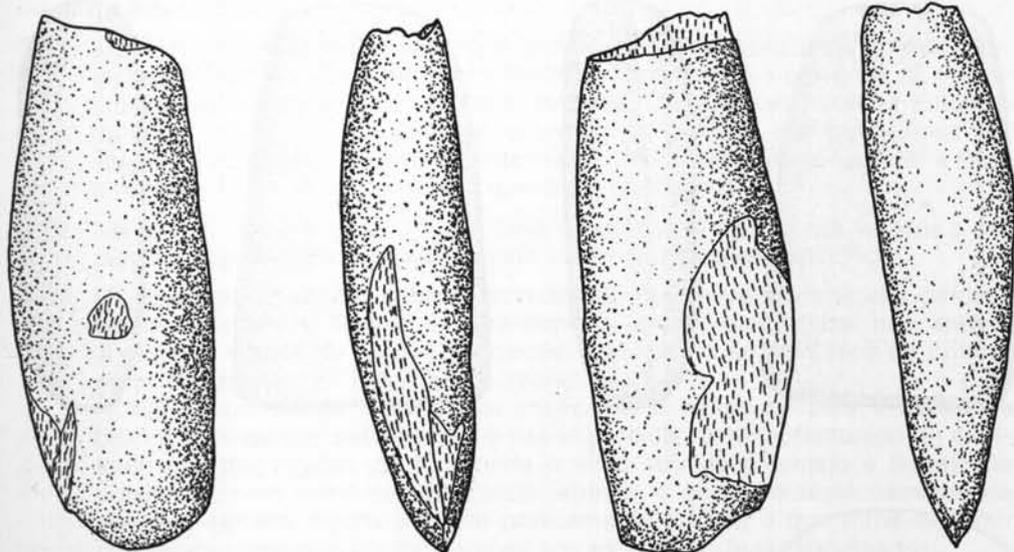
Portanto, em 1908 Almeida Carvalhais iniciava a exploração da Gruta dos Carrascos, em Monsanto, pouco depois a da Lapa da Galinha situada a 4 km para NE. Em Dezembro de 1973 iniciaram-se as primeiras sondagens na Gruta da Marmota (situada a 6,5 km para SE dos Carrascos e 4,750 km para S da Galinha).

Como atrás se disse, a importância do espólio da Marmota — S2 C1 — exigia uma cuidada integração em função de estações de época similar. E extremamente interessante se tornava o facto de numa região bem definida surgirem três necrópoles cujo espólio, se bem que apresentando, no fundo, algumas diferenças significativas, se ajustava, em boa parte, a um único período.

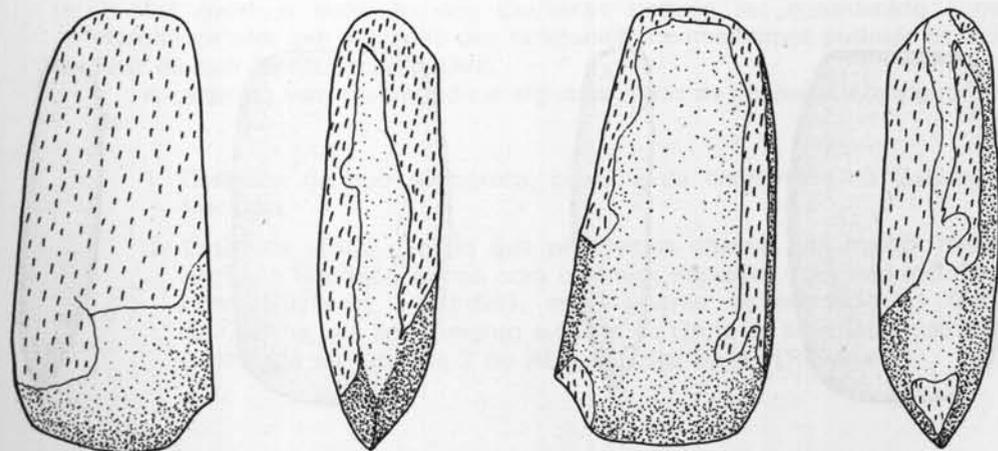
Os materiais provenientes da Lapa da Galinha, muito incompletamente publicados por Maria Cristina Moreira de Sá, apresentavam, no entanto, uma série muito mais rica em paralelismos com o espólio exumado do S2 C1 da Marmota do que com os materiais provenientes dos Carrascos.

Tipologicamente falando — e conhecem-se as limitações que tal género de linguagem necessariamente implica — pode-se considerar, grosso modo, o conjunto dos Carrascos como ligeiramente anterior ao da Galinha e Marmota.

Se quiséssemos descrever sumariamente, para posterior desenvolvida comparação, os três sítios arqueológicos falaríamos assim:



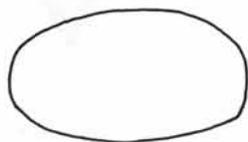
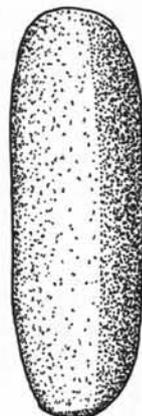
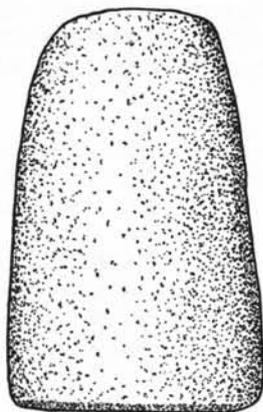
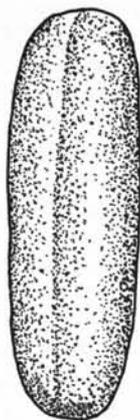
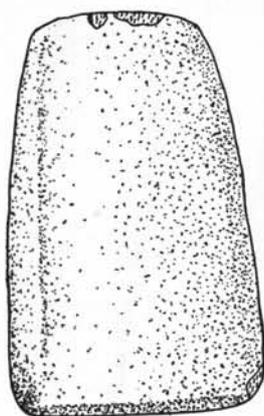
1



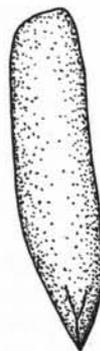
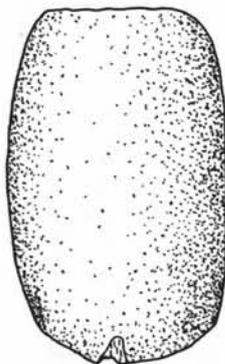
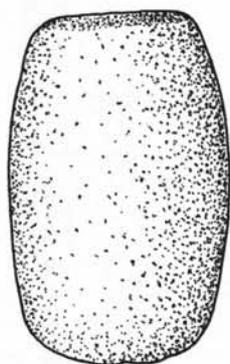
2



Est. V - Indústria lítica (1 - 17566; 2 - 6373)



1



2



CARRASCOS

1. Materiais líticos de facies arcaico mas posteriores ao «horizonte» do machado da secção circular. De notar que a indústria lítica regista a presença de micrólitos paralelamente à de lâminas sem retoque. De qualquer forma, a natureza da escavação, e a dificuldade de se extrair do relatório que publicamos em anexo informações precisas, impedem-nos naturalmente de generalizar a todo o espólio lítico as observações que aqui já fizemos.
2. No que se refere a artefactos de osso há apenas a registar um furador e um punção cuja morfologia não permite retirar conclusões específicas.
3. Os objectos de adorno pessoal representam curiosamente uma alta percentagem do material total e é extremamente importante registar que apenas 1 das 597 contas de colar é de calcite, material no entanto fácil de obter a partir das formações calcárias da região.

468 contas são de xisto, o que implica ou o transporte para a região de blocos de xisto por trabalhar ou a sua importação já manufacturado de qualquer uma das regiões do País onde o xisto abunda (Alentejo e Beira). De notar que, para além das 62 contas obtidas a partir do seccionamento de *dentalia*, existem alguns *dentalia* praticamente inteiros o que torna evidente que foram transportados das regiões litorais e só no lugar trabalhados.

O mesmo itinerário de transporte deve ter sido usado no que se refere às conchas intactas, de *glycimeris*, que foram encontradas misturadas com o espólio. Os braceletes foram talhados igualmente em concha, o que levanta questões talvez mais de convergência cultural que de verdadeira comparação, uma vez que estamos longe, cronológica e culturalmente, do Neolítico Antigo mediterrânico em que eles são relativamente frequentes.

Mas só escavações devidamente registadas noutros locais da região poderão esclarecer este ponto.

Em geral, o conjunto dos Carrascos poderia ser considerado como «Neolítico» sem que o espólio que rapidamente comentámos pudesse especificar de que Neolítico se tratava.

A cerâmica vem porém indicar algumas pistas de interesse, compondo-se de:

1. Cerâmica de tipo dolménico, próxima da encontrada na Galinha e Marmota.
2. Cerâmica filiada naquilo que poderemos chamar, até melhor designação, o Neolítico Antigo com cerâmica impressa (mas não incluindo necessariamente a *cardial*), escassamente representado na Gruta da Galinha, até ao momento ausente na Gruta da Marmota, mas bem conhecido na Camada 2 do Abrigo 1 das Bocas (Rio Maior).

GALINHA

Muito mais directamente conotada com a cultura dolménica portuguesa está a esmagadora maioria do espólio da Gruta da Galinha, em cuja indústria cerâmica apenas se encontram alguns raros fragmentos que parecem traduzir uma fase mais antiga de ocupação, fase essa representada nos Carrascos pelas cerâmicas impressas.

A utilização, em muitas das sepulturas, de placas de xisto, se bem que algumas delas pareçam referir-se e aproximar-se do que poderá ter sido a primeira fase destas placas, a utilização da cerâmica a almagre, das grandes lâminas de sílex e de uma ampla

série de perfis cerâmicos típicos do dolmenismo alentejano, parecem reforçar paralelismos evidentes. Convém sublinhar, no entanto, que a Lapa da Galinha revelou alguns artefactos para os quais são escassas as comparações possíveis devido à exiguidade de tipos similares em território português.

MARMOTA

Após as primeiras sondagens terem revelado exclusivamente materiais do Bronze-Ferro, a Gruta da Marmota revelou em S2 C1 um curiosíssimo conjunto sepulcral com artefactos extraordinariamente semelhantes aos da Galinha, nomeadamente placas de xisto com decoração geométrica (se bem que muitíssimo fragmentadas), contas de calcite, pontas de flecha de base triangular, mas sobretudo numerosa cerâmica a almagre, de tipologia indiscutivelmente dolménica.

É aliás nos dólmenes do Crato e no seu espólio, colecionado por Agostinho Isidoro, que se encontram os paralelismos mais notáveis para o conjunto dos materiais da S2 C1¹³.

As três necrópoles que referimos são completadas na região por diversos povoados, infelizmente na sua maioria impiedosamente «descascados» pela erosão, sendo possível um quadro significativo da ocupação da região.

Os problemas do Neolítico em Portugal estão em aberto e pouco se tem feito até hoje que permita a clarificação do espectro de tipos, da sua distribuição e sobretudo de uma indispensável periodização. Um dos signatários (V.S.G.) publicará em breve «Para Um Programa de Estudo do Neolítico em Portugal», breve nota onde estes problemas serão particularmente equacionados¹⁴. Convém sublinhar, desde já, que, de acordo com as perspectivas nesse estudo desenvolvidas, os materiais cerâmicos dos Carrascos, tal como a camada 2 do Abrigo 1 das Bocas, se poderão incluir no que, à falta de designação mais apropriada, chamaremos Neolítico Antigo (não necessariamente cardial), particularmente bem representado em Rio Maior, no complexo arqueológico das Bocas, e que pode apontar os vestígios de uma grande vaga de penetração neolítica que através do Tejo e afluentes foi progressivamente tocando o interior do País, provocando a aculturação das populações «autóctones» e evoluindo localmente.

Quanto aos materiais de facies dolménico que temos vindo a referir, tanto nos Carrascos como na Galinha e Marmota, não estão tipologicamente nas fases mais avançadas do megalitismo alentejano e é possível atribuir-lhes, com todas as reservas compreensíveis, uma filiação no Neolítico Médio.

5. DOCUMENTAÇÃO

1. Relatório inédito de Almeida Carvalhais (1908?), pertencente ao Arquivo do M.N.A.E.
2. Listagem de materiais (fichas «individuais» de registo do Museu Nacional de Arqueologia) *

¹³ Este ponto é, porém, bem mais complexo que à primeira vista se poderia supor e parece-nos extremamente importante a completa revisão e o tratamento estatístico das peças recolhidas nos dólmenes do grupo megalítico Crato-Nisa, para além de novas escavações.

¹⁴ *Zephyrus*, vol. de 1977.

* 1 — A expressão (*sic*) é usada para indicar confirmação a qualquer passagem de redacção mais ou menos obscura.

2 — As lacunas intencionalmente deixadas em aberto pelo funcionário que preencheu as fichas (pouco após 1908) são indicadas por quatro pontos (....)

3 — O asterisco indica passagens acrescentadas após o preenchimento da ficha e onde, geralmente se dão indicações sobre a localização topográfica ou «estratigráfica» dos achados.

4 — Os numerosos parênteses abertos mas não fechados foram deixados tal como no original.

1. RELATORIO DE ALMEIDA CARVALHAIS (1908?)

GRUTA DOS CARRASCOS OU DAS SAMORRAS

Situação:

Parti de Lisboa em 5^a de Junho de 1908 no comboio das 10.27 h da manhã chegando a Torres Novas à 1.20 h da tarde; tomei carro para a Vila de Torres Novas onde chegamos às 2.10 h dirigindo-nos para a administração do concelho tendo conferenciado em seguida com o Ex.^{mo} Sr. Dr. Gorjão, Administrador do Concelho, e em seguida encaixotei uma porção d'ossos, machados, facas de sílex e outros objectos procedentes da Gruta dos Carrascos e que já tinham sido recolhidos pelo Ex.^{mo} Sr. Administrador. Parti às 4 e 20 da tarde para Monsanto onde cheguei às 6^{1/2} da tarde, no dia 6 pela manhã fui inspecionar a gruta notando a dificuldade para a sua exploração, a entrada da gruta tem apenas de largura na boca 1^m,10 e uma inclinação de 48% na distância de 2^m,80, d'ahi para baixo na profundidade de 2^m,50 a gruta é cortada a prumo, tornou-se portanto ² estabelecer uma espécie de elevador, mandei serrar um pinheiro de 10 metros de comprimento dividindo-o em duas partes iguaes que ficaram servindo de leito onde funciona um pequeno carro que é acionado por meio d'uma corda de linho fixada a um tornio de mão, só passados tres dias d'estes preparativos é que dei principio à extracção dos entulhos que os profanadores primitivos haviam feito, não podendo verificar, na camada por elles revolvida cerca de 2 metros de profundidade, cousa alguma porque tudo estava aralhado, ossos e cacos de louça. Na segunda feira 15 principiei com a crivagem da terra empregando para esse fim 1 peneiro de 1 metro de comprimento por 0^m,50 de largura e malha de arame de 10,^m005 mais dois das mesmas dimensões com a malha mais apertada de forma a não deixar escapar objecto algum por mais pequeno que fosse.

Descrição da gruta dos Covões das Samorras:

A gruta dos Covões das Samorras ou Chamorras está localisada no alto da Serra dos Cheirinhos, 2:500 metros para NE da povoação do Monsanto, a Serra dos Cheirinhos na parte culminante onde se localisa, a gruta apresenta a corôa achatada d'uma collina com um irregular perimetro, com altitudes muito desiguaes, com relação às planícies e vales circundantes, para NO ficam os pequenos valles onde está assente em parte a estrada Distrital N.º 127 de Payalvo a Peniche que corre ao longo do planalto da Curseira a cerca de 8 kilómetros d'esta estrada seguindo para Alcanede, em quasi toda esta extensão segue como contraforte uma parede natural contínua de altura e pendor muito variáveis mas superiormente escarpada e por vezes vertical como nos Casaes dos Corvos, para SE, os seus limites são difficeis de traçar e a collina confunde-se com outras que são mais ou menos limitadas pela Serra de Sta. Martha e Cheirinhos. A gruta das Samorras está aberta nos calcáreos do andar Jurássico, estes calcareos cujas camadas levantadas quasi verticalmente constituem as paredes e tecto da gruta são d'uma Stratificação muito compacta indistincta e nos pontos do solo a descoberto pela completa denudação dos grês diluviaes vê-se que são retalhados por numerosas fendas e concavidades cheis de grês diluvial.

Dá ingresso à gruta uma pequena abertura com o pendor de 45° e 0,80 m de largura por 1,^m10 d'altura e 3 metros de profundidade terminando a esta altura por uma das paredes lateraes da parte central da gruta principiando o entulho 1 metro

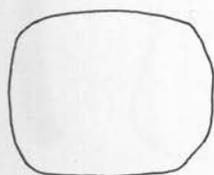
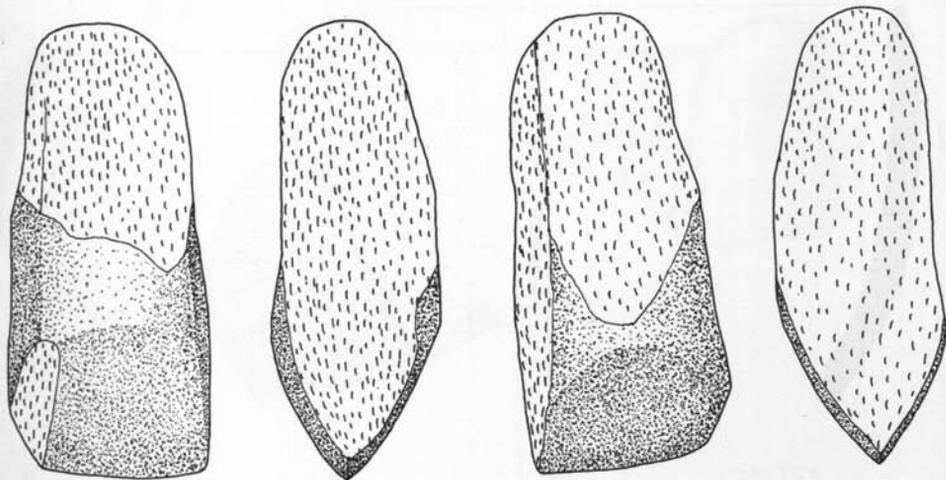
1 Nota do autor: O livro do Ponto diz que fui a 2 de Junho (vol. II, fls. 65v); vê-se que gastei 3 dias em preparativ(os).

2 «necessário», nota entrelinhada atribuível a M. Heleno.

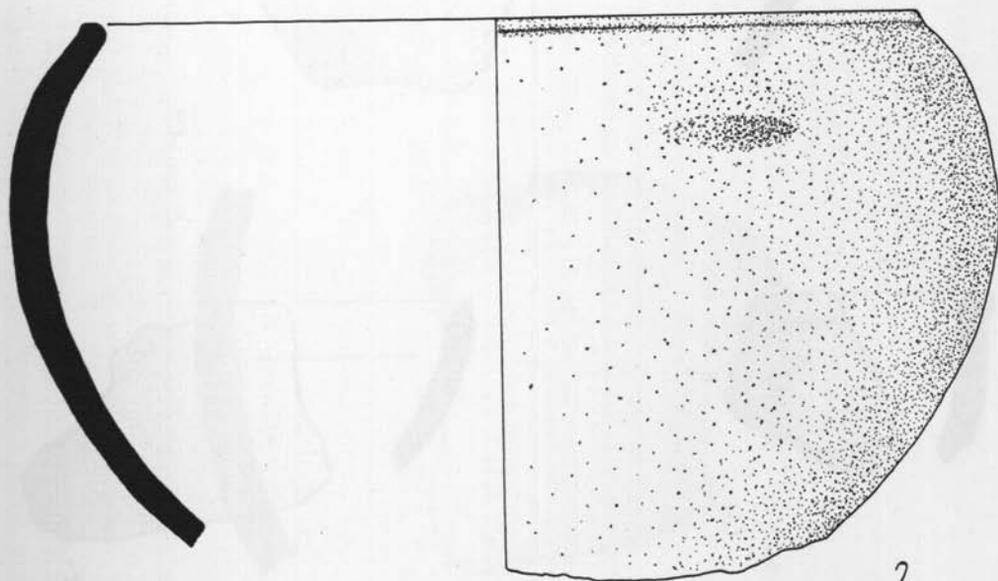
abaixo desta parede como se poderá ver do corte da planta SE, NO por nenhuma outra abertura, esta gruta parece comunicar para o exterior de modo que d'ar (sic) ingresso ao homem notando-se apenas para o lado da galeria NE no tecto da gruta dois pequenos orifícios que em tempos remotos poderiam ter comunicado com o exterior mas nunca para poderem dar entrada ao homem por a sua direcção para a superfície ser vertical, estes pequenos orifícios ou galerias estão hoje quasi completamente tapados pelas camadas de calcareo Stalagmítico.

Exploração da Gruta:

Em virtude da inclinação da entrada da gruta e da sua reduzida capacidade de entrada e altura havia difficuldade não só para a entrada como para a remoção dos entulhos para fora a fim de se proceder à crivagem da terra empregou-se para esse fim 2 vigas quadradas com 10 metros de comprimento formando dois leitos sobre os quaes se assentou um pequeno carro com rodagem accionada por uma corda de linho enrolada a um tambor ou sarilho de madeira, em fim (sic) improvisou-se um elevador o qual prestou optimo serviço e principiou-se o desentulho da 3.^a camada já anteriormente revolvida pelos descobridores da gruta, a camada revolvida por estes no centro da gruta era de 1.^m25 e o mesmo para NE para SO apenas 0.^m20, segundo as informações colhidas dos violadores que foram empregados na exploração, na 3.^a camada quasi à superfície do entulho encontraram 11 ossadas humanas, quasi todas collocadas no centro da gruta, outros mesmo encostados às paredes da gruta 7 para NE, 3 para SO e 1 na concavidade ou pequena galeria SE, no entulho da 3.^a camada foi onde se encontraram a maior parte dos objectos, contas, facas, machados de pedra, raspadores de sílex e de dente de javali e raros vasos de cerâmica, alguns ossos de animais do género *canis* e *lepus*, conchas e pequenos búzios furados com vestígios de terem servido de adorno ou amuleto, depois da 3.^a camada encontrou-se uma camada de calcareo stalagmítico (sic) com espessura variável 0.^m10 a 0.^m20, misturada com grandes fragmentos de rocha calcarea que evidentemente foram para allí lançados do exterior por a mão do homem. Já na 3.^a camada segundo as informações, a maior parte dos esqueletos que estavam à superfície do solo ou entulho da gruta eram cercados dos lados de fragmentos da mesma rocha e nos intervalos por uma pequena camada da terra, na 2.^a camada apenas se encontrou vestígios de 2 ossadas humanas encostadas à parede lateral E, para a extremidade NE estas ossadas estavam quasi completamente decompostas podendo com difficuldade aproveitar-se apenas uns pequenos pedaços dos ossos longos, ao lado dos esqueletos pequenos vestígios d'ossos de caça, 2 conchas, raros fragmentos de carvão e quasi ausencia completa de objectos d'uso, apenas algumas conchas de calcite e de schisto cinzento luzente, a 2.^a camada tinha a espessura de 1.^m05 adelgacando para a parte central da gruta, à 2.^a camada seguia-se a 3.^a coberta por uma camada de calcareo stalagmítico (sic) com a espessura em partes de 0.^m45 a 0.^m30 debaixo desta camada não appareceu ossada alguma humana mas bastantes ossos de caça já decompostos, cinzas e pequenos fragmentos de carvão e n'uma cavidade reentrante na parede lateral da gruta para SE, junto ao término NE, esta cavidade estava preenchida por cinzas e grandes fragmentos de carvão bastantes ossos de caça alguns com signaes de calcinação, ausencia completa de objectos de uso do homem como armas, cerâmica e adornos, parece que estas camadas serviram ao homem em épocas muito mais antigas, a cavidade teria servido de lareira para o fogo que os primeiros utilizadores da gruta aproveitavam para habitação ou refúgio e não para depósito mortuário, é possível que durante esse período de tempo a gruta tivesse para este lado uma ou duas pequenas aberturas para o exterior as quaes dariam fuga ao fumo da fogueira e nestas condições a gruta serviria perfeitamente para



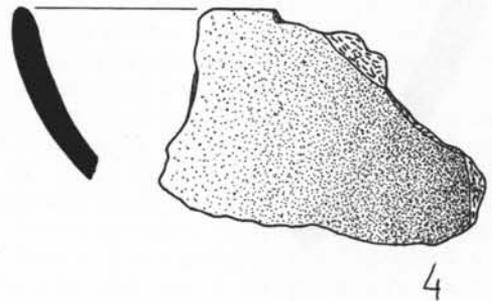
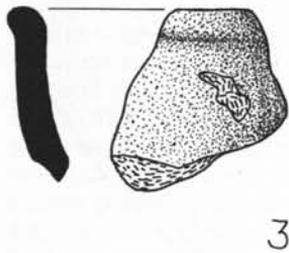
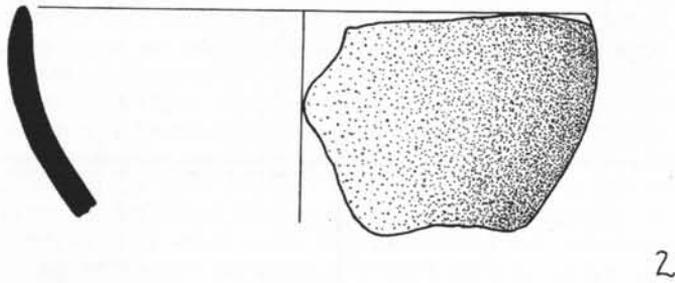
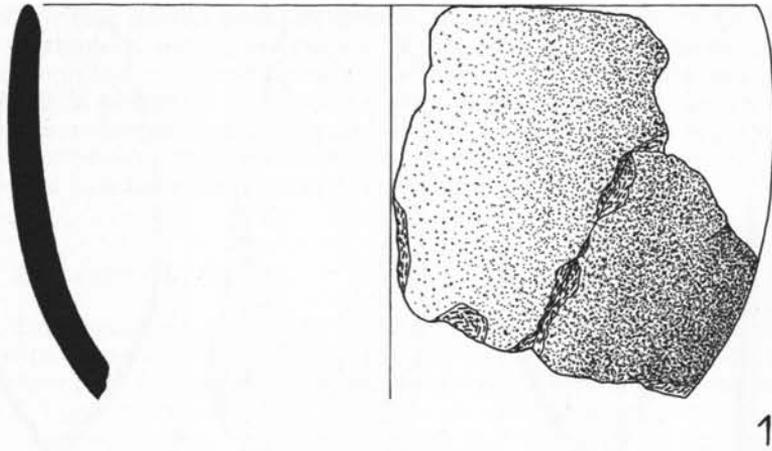
1



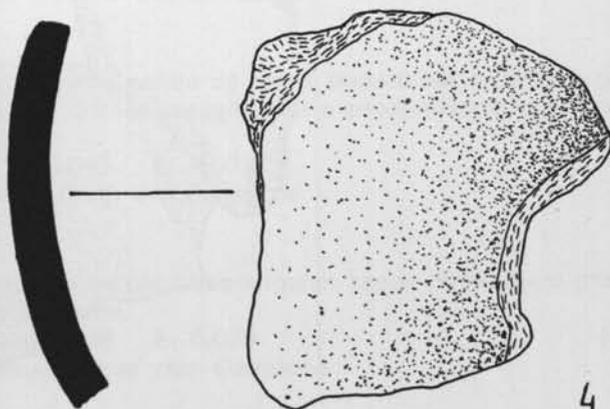
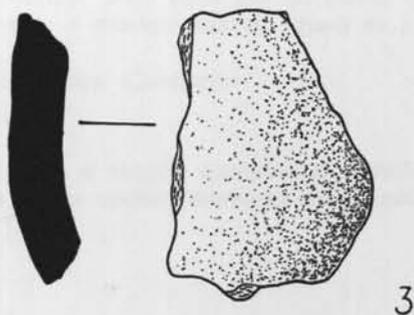
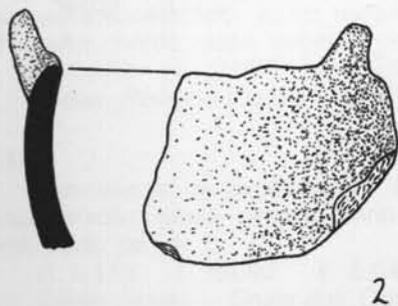
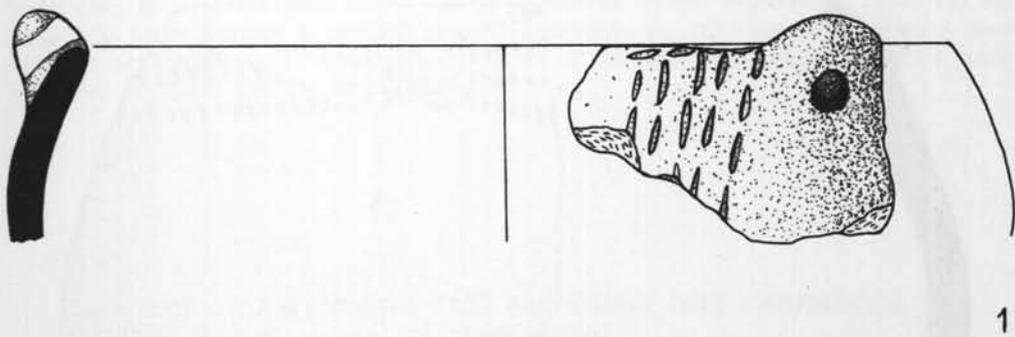
2



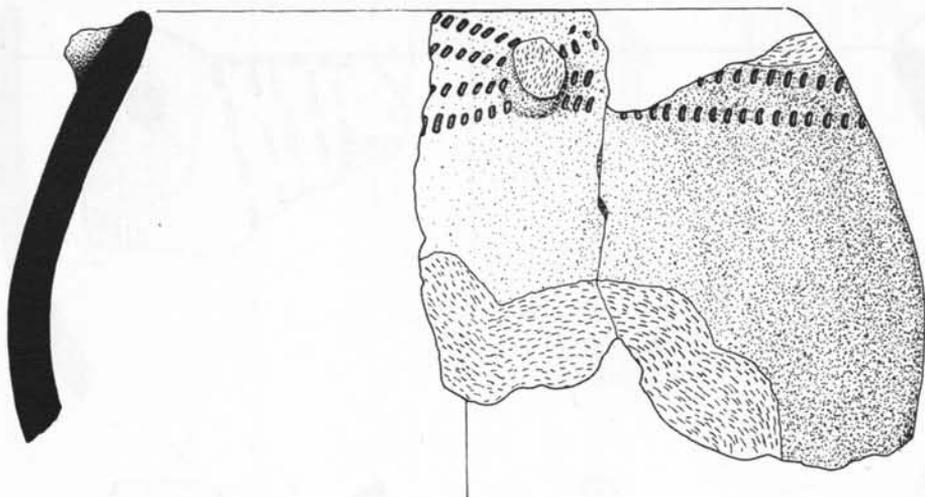
Est. VII - Indústria Lítica e cerâmica (1 - 6374; 2 - 6388)



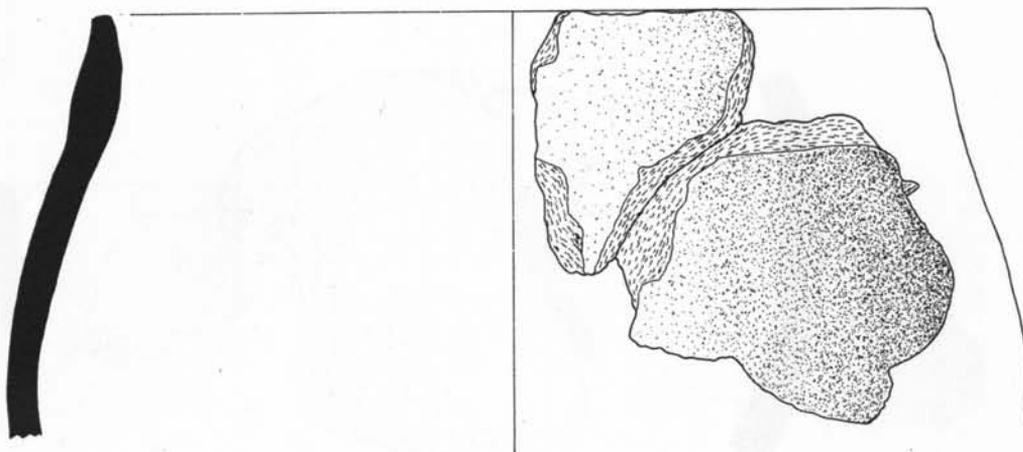
Est. VIII - Cerâmica (1 - 6399 D e A; 2 - 6399 C; 3 - 6399 F; 4 - 6399 E)



Est. IX - Cerâmica (1 - 6441 A; 2 - 6422 A; 3 - 6422 B; 4 - 6399 B)



1



2

0 4cm

Est. X - Cerâmica (1 - 6390; 2 - 6391 A e B)

habitação, todavia no tecto desta cavidade não se notam signaes de fumo ou de acção do fogo, porque a camada sempre crescente de calcareo Stalactítico a tem coberto, do fundo desta cavidade colheram-se alguns fragmentos de rocha com vestígios de terem soffrido acção do fogo.

2. FICHAS DE INVENTÁRIO DOS MATERIAIS DOS CARRASCOS (MNAE, primeiro quartel do nosso século)

6371

Instrumento de pedra polida; forma sub-trapezoidal incurvada; um bordo quase esquadriado, delgado; outro redondo; gume cortante, fino, com um só plano de afiamento, nítido; topo superior contundido antiga e modernamente (enxó de....).

C. 0,123 L. 0,050 E. 0,019

Torres Novas — Covão das Samorras — Gruta dos Carrascos

6372

Instrumento de pedra polida de forma alongada e secção quadrilátera; bordos esquadriados; gume cortante, fino e naviforme; topo oposto espesso, engrossado (machado de....).

C. 0,116 L. 0,040 E. 0,040

Torres Novas — Gruta dos Carrascos

6373

Instrumento de pedra polida; forma sub-trapezoidal; bordos redondos; superfícies um pouco deterioradas; gume cortante, fino; com um ângulo mutilado; topo superior tosco (machado de....).

C. 0,085 L. 0,046 E. 0,022

Torres Novas — Gruta dos Carrascos

6374

Instrumento de pedra polida de forma trapezoidal; superfície grosseira na maior parte; gume cortante, bordos esquadriados e arredondados; topo oposto contundente (machado de....).

C. 0,093 L. 0,043 E. 0,033

Torres Novas — Gruta dos Carrascos

6375

Seixo oblongo de secção subtriangular; topos de desigual grossura, com vestígios de uso contundente.

C. 0,135 L. 0,038 E. 0,029

Torres Novas — Grutas dos Carrascos

(dois fragmentos)

6376

Seixo rolado num fragmento piriforme; no topo tem vestígios contundentes.

C. 0,042 L. 0,029 E. 0,014

Torres Novas — Gruta do Carrascos

6377

Fragmento de instrumento de pedra polida e com parte do gume cortante.
C. 0,059 L. 0,027 E. 0,037
Torres Novas — Gruta dos Carrascos

6378

Silex talhado em forma de lâmina incurvada de secção quase toda trapezoidal; bordos de aresta viva com abundantes sinais de uso; ponta quebrada de antigo; base concrecionada. Cor branca com máculas (sic) acinzentadas.

C. 0,082 L. 0,019 E. 0,006

Torres Novas — Gruta dos Carrascos

6379

Silex lascado em forma de estreita lâmina de secção triangular; bordos de aresta viva; ponta destruída; base com o plano de percussão; incurvada. Cor castanha avermelhada. Patina semiluzente.

C. 0,064 L. 0,012 E. 0,004

Torres Novas — Gruta dos Carrascos

6380

Silex talhado em forma de lâmina pouco incurvada; secção trapezoidal; bordos de aresta viva, sensivelmente paralelos; num topo o bolbo de percussão e o plano reduzido à mínima espessura; Cor negra. Patina semiluzente.

C. 0,064 L. 0,014 E. 0,005

Torres Novas — Gruta dos Carrascos

6381

Silex talhado em forma de lâmina de secção trapezoidal; bordos de aresta viva; ponta destruída; base com delgado plano de percussão. Cor cinzenta marmoreada. Patina semiluzente.

C. 0,052 L. 0,014 E. 0,003

Torres Novas — Gruta dos Carrascos

6382

Silex talhado em forma de lâmina incurvada de secção triangular; bordos de aresta viva mas um deles é recortado em ondulações côncavas; ponta quebrada moderadamente; base com plano de percussão. Cor branca. Patina opaca.

C. 0,078 L. 0,016 E. 0,0045

Torres Novas — Gruta dos Carrascos — Covão das Samorras

6383

Silex lascado em forma de lamina incurvada de secção triangular; bordos de aresta viva mais ou menos ondulados e de aresta viva; ponta quebrada; base com o plano de percussão. Côr quase negra. Patina opaca?

C. 0,059 L. 0,013 E. 0,0045

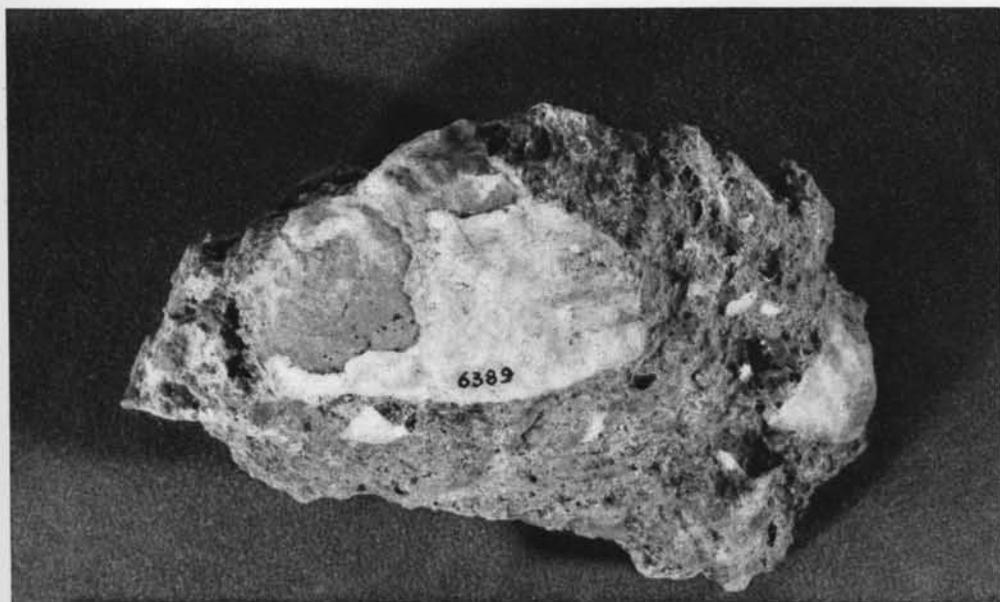
Torres Novas — Gruta dos Carrascos

6384

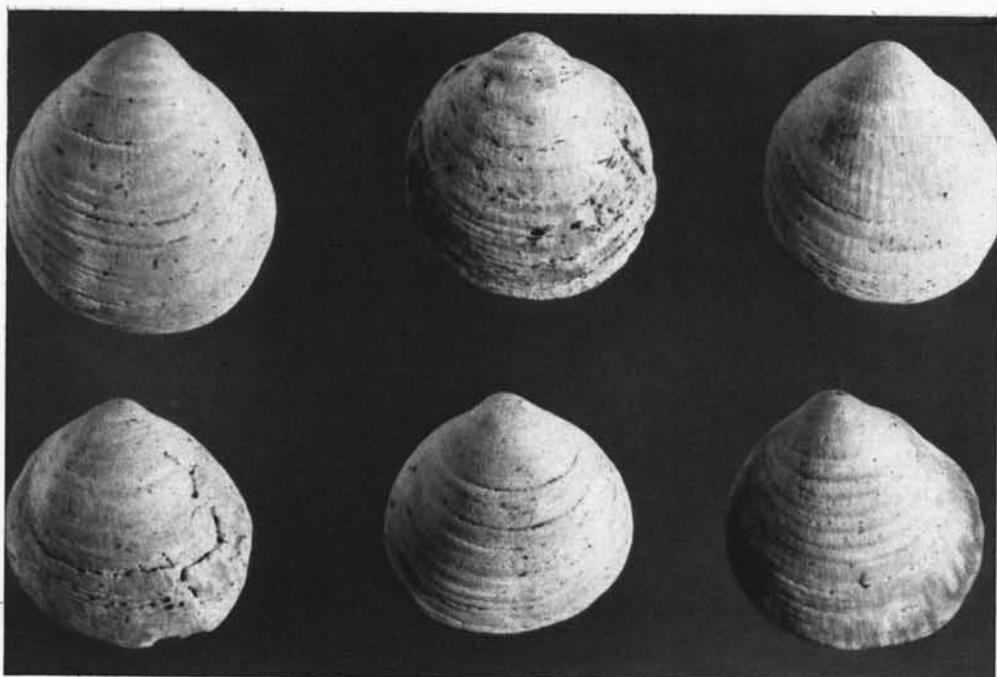
Silex talhado em forma de lamina trifacetada mais ou menos regularmente; bordos de aresta viva recortada; reduzida talvez a metade por fractura; na base o plano de percussão. Côr branca com máculas acastanhadas. Patina semiluzente.

C. 0,037 L. 0,014 E. 0,003

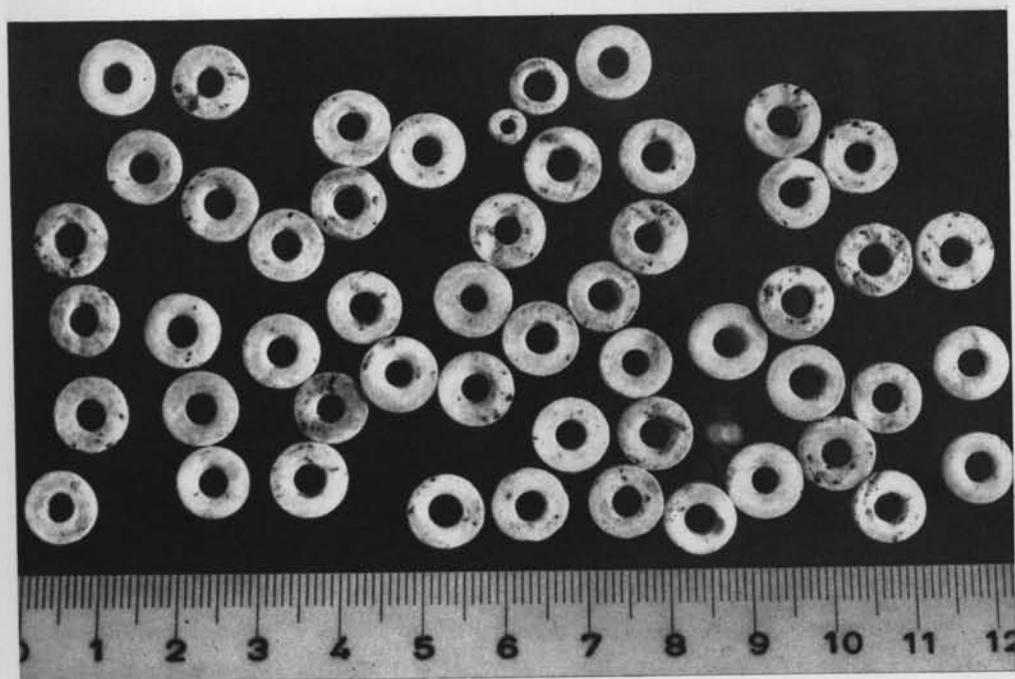
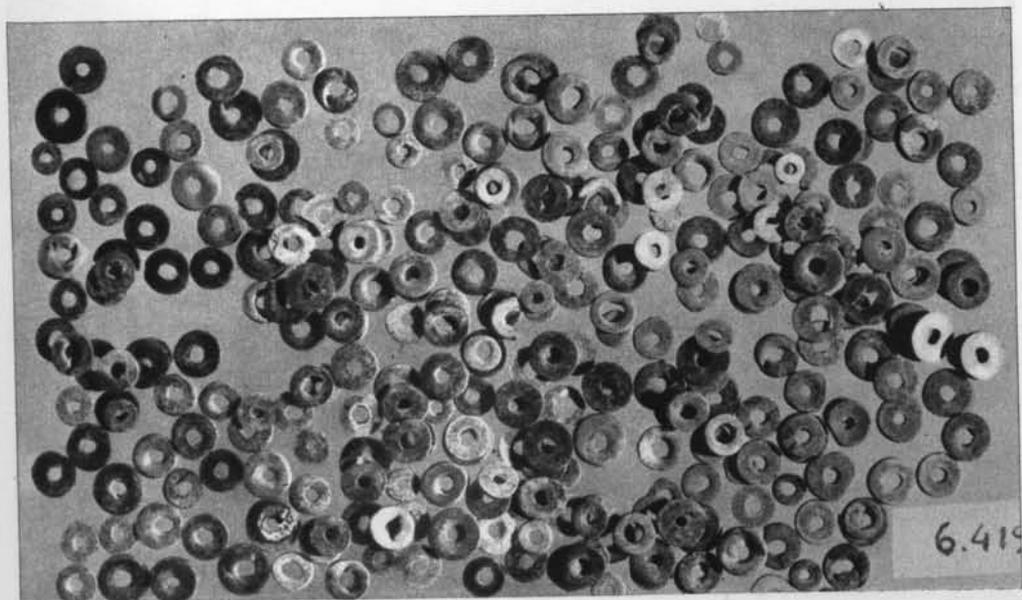
Torres Novas — Gruta dos Carrascos



Est. XI - (1 - bloco de brecha contendo contas de xisto e glycimeris; 2 - contas de xisto e dentalium)



Est. XII - (1 - conchas de glycimeris; 2 - braceletes de glycimeris)



Est. XIII - (1 - contas de xisto; 2 - contas de glycimeris)

6385

Quatro fragmentos de vaso de barro; pertencentes ao fundo plano exteriormente; pasta não muito grosseira e uniformemente cozida; trabalhada aparentemente sem roda; conjugam-se dois a dois.

Torres Novas — Gruta dos Carrascos — (1.ª câmara)

6386

Pequeno chifre de caprídeo; quebrado na base de antigo com incrustações.

C. 0,130 Diam.º 0,021

Torres Novas — Gruta dos Carrascos



Fig. 2 - Indústria de osso. Corno de cervídeo, polido e furador

6387A a 6387I

Nove conchas de completas com incrustações.

Torres Novas — Grutas dos Carrascos

6388

Dois fragmentos de vaso esférico com parte da boca ampla e reintrante e um mamilo; nas fracturas incrustações antigas; os dois fragmentos ajustam-se.

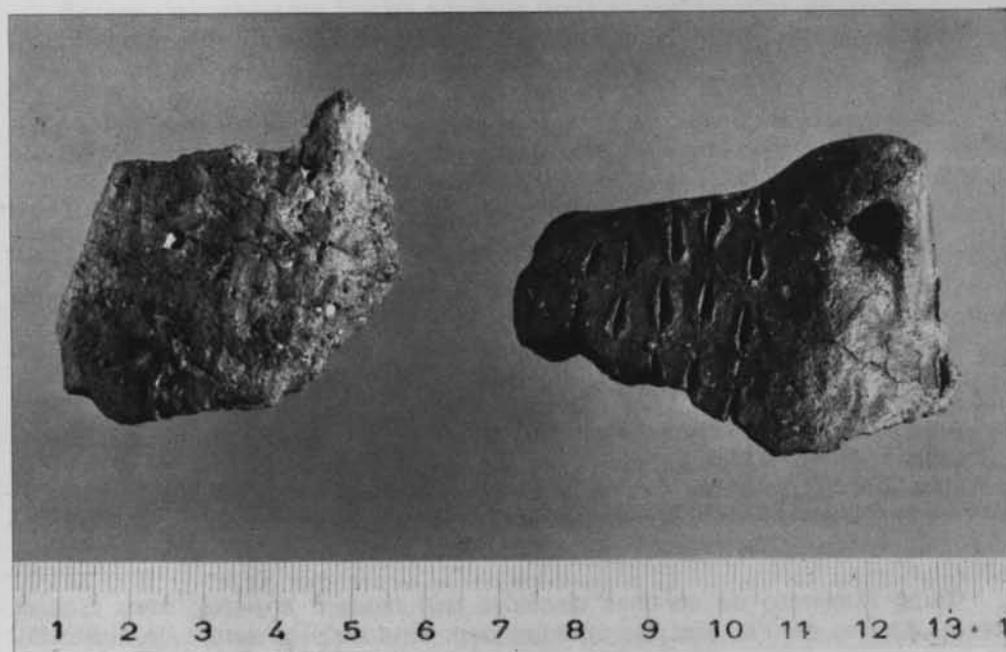
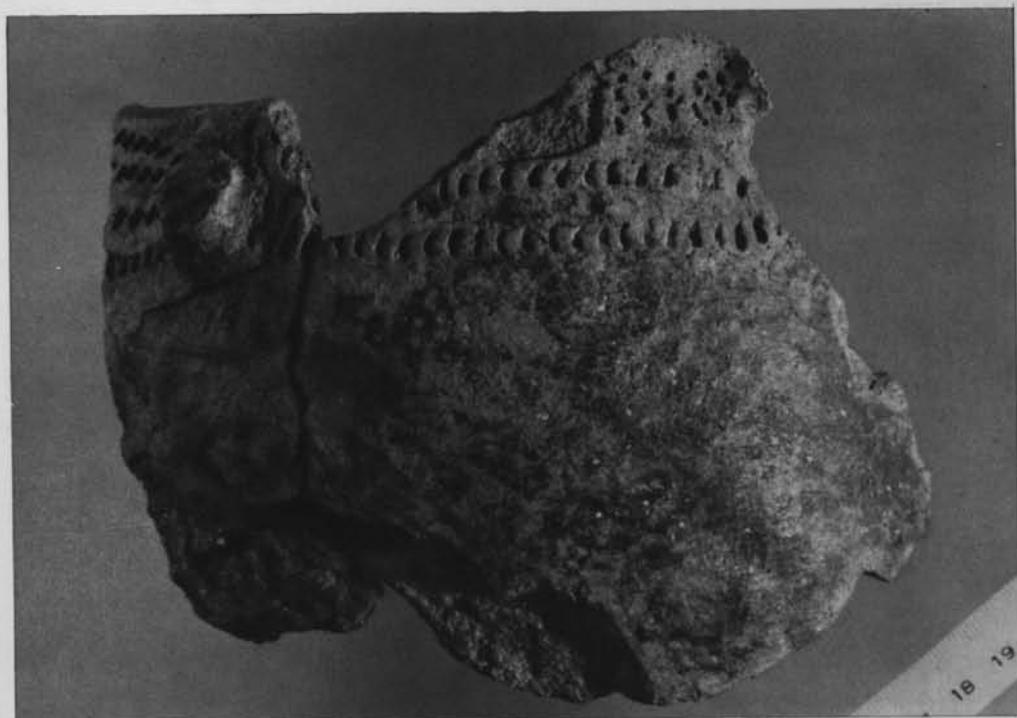
Espessura: 0,007

Torres Novas — Gruta dos Carrascos

6389

Pedaço de brecha onde se vêem contas de chisto (sic), pequenos fragmentos ósseos, etc.

Torres Novas — Gruta dos Carrascos



Est. XIV - Cerâmica (6390, 6422 A e 6441 A)



Fig. 3 - Cerâmica (6388)

6390

Tres fragmentos de vaso de barro, que parecem ajustar-se e em dois dos quais se vê o bordo; ornamentação de(?) de pequenas impressões curvas em filas não bem paralelas; uma asa anelar, outra quebrada, pasta desigual grosseira.

Torres Novas — Gruta dos Carrascos

6391A a 6391B, etc.

Dois fragmentos ceramicos de pasta grosseira e escura, juntamente com muitos outros lisos.

Torres Novas — Gruta dos Carrascos

6392

Argola formada, por base de concha serrada (
Diam.^{os} 0,058×0,055

[(inclui esboço, N. dos A.A.).]

Torres Novas — Gruta dos Carrascos

6393

Grupo numeroso de conchas discoides perfuradas e anelares, estas brancas (osso), aquelas escuras (de chisto) e um fragmento de osso serrado e queimado. As brancas são quatro.

Diam.^o destas 0,009 daquelas: 0,006

Torres Novas — Gruta dos Carrascos

6394

Fragmento de rocha vermelha (

C. 0,044 E. 0,022

Torres Novas — Gruta dos Carrascos

Os objectos até aqui mencionados foram encontrados pelos violadores ou descobridores da gruta.-

6395

Argola constituída por concha serrada pela base

Diam.ºs 0,056×0,055

Torres Novas — Gruta dos Carrascos (1.ª galeria. Nicho)

6396A a 6496B

6396A — Silex talhado em forma de lamina (parte media) de secção trapezoidal; o bordo uniforme é retocado; o outro é irregular, também com algum retoque e cortex. Cor branca violacea. Patina semi-luzente.

C. 0,51 L. 0,030 E. 0,006

6396B — Lasca de silex castanho escuro. C. (sic)

*Torres Novas — Gruta dos Carrascos (m.º lugar) (1.ª galeria nicho)**

6397A e 6397B

Dois outros dentes ou defesas talvez de javali(?) mais ou menos completos.

C. 0,105 e 0,072 L. 0,024 e 0,018 E. 0,014 e 0,007

*Torres Novas — Gruta dos Carrascos (M.º lugar) (1.ª galeria — nicho)**

6398

Pedaço de rocha com brecha aderente onde se veem contas discoides.

Dimensões: 0,059×0,050×0,038

*Torres Novas — Gruta dos Carrascos (M.º lugar) (1.ª galeria — nicho)**

6399A a 6399F

Seis fragmentos ceramicos aparentemente de 4 vasos tres dos quais com bordo liso.

Grossura das pastas: 0,008 e 0,005

*Torres Novas — Gruta dos Carrascos (M.º lugar) (1.ª galeria nicho)**

6400

Dois fragmentos de carvão vegetal.

C. 0,030 e 0,032

*Torres Novas — Gruta dos Carrascos (M.º lugar) (1.ª galeria — nicho)**

6401A a 6401H

Oito conchas mais ou menos completas

6401A. a 6401E. são....

6401F. e 6401G. são....

6401H. é um fragmento de ostra

Torres Novas — Gruta dos Carrascos (1.ª camada superficial)

6402

Disco de calcareo de bordos talhados grosseiramente; faces sensivelmente paralelas.

Diam.ºs 0,049 e 0,047 E. 0,010

*Torres Novas — Gruta dos Carrascos (M.º lugar) (1.ª camada superficial)**

6403

Furador de secção longitudinal de osso longo; base quebrada.

C. 0,075 L. 0,014

Torres Novas — Gruta dos Carrascos (M.^{mo} lugar) (1.^a camada superficial)*

6404

Lamina talvez de calcareo, secção trapezoidal; bordos pouco paralelos na maior extensão de aresta viva; retocados junto de uma das extremidades. Cor branca; opaca.

C. 0,079 L. 0,018 E. 0,005

Torres Novas — Gruta dos Carrascos (M.^{mo} lugar) 1.^a camada superficial*

6405

Silex talhado em forma de lamina de secção quase toda trapezoidal; uma das facetas é de cortex; bordos de aresta viva mais ou menos usados; um topo com o plano de percussão, o outro truncado. Cor cinzenta. Patina semi-luzente.

C. 0,052 L. 0,020 E. 0,006

Torres Novas — Gruta dos Carrascos (M.^{mo} lugar) 1.^a camada superficial*

6406

Silex em forma de lamina facetada pouco uniformemente; um tanto incurvada; sem (?) retoque nos bordos da aresta viva; plano de percussão na base; ponta destruída. Côr rosada desigual: Patina opaca.

C. 0,050 L. 0,014 E. 0,007

Torres Novas — Gruta dos Carrascos (M.^{mo} lugar) 1.^a camada superficial*

6407

Silex talhado em forma de lamina de secção triangular; bordos de aresta viva; sensivelmente paralelos; arqueado; plano de percussão numa extremidade; ponta quebrada de antigo. Côr branca marmorizada. Patina semi-luzente.

C. 0,051 L. 0,016 E. 0,005

Torres Novas — Gruta dos Carrascos (M.^{mo} lugar) (1.^a camada superficial)*

6408

Silex talhado em forma de lamina levemente incurvada; secção triangular; bordos de aresta viva usada, paralelos; base com o plano de percussão; ponta transversal um pouco oblíqua. Côr branca marmorizada de cinzento e avermelhado. Patina semi-luzente.

C. 0,052 L. 0,012 E. 0,004

Torres Novas — Gruta dos Carrascos (M.^{mo} lugar) 1.^a camada superficial*

6409

Silex talhado em forma de lamina bi e trifacetada; bordos de aresta viva recortada; extremidades largas. Côr branca acinzentada. Patina semi-luzente.

C. 0,043 L. 0,015 E. 0,003

Torres Novas — Gruta dos Carrascos (M.^{mo} lugar) 1.^a camada superficial*

6410

Silex talhado em forma de lamina levemente incurvada; bi e trifacetada; bordos de aresta viva; ponta oblíqua; base com o plano de percussão; na superfície pontuações finas como de mucidineas; Côr branca levemente rosada; patina opaca.

C. 0,036 L. 0,010 E. 0,003

Torres Novas — Gruta dos Carrascos (M.^{mo} lugar, i. é. 1.^a camada)
(1.^a camada superficial)*

6411A a 6411B

Dois silices talhados em forma de lamina.

6411A. — C. 0,029 L. 0,014 E. 0,003

6411B. — C. 0,023 L. 0,007 E. 0,003

Torres Novas — Gruta dos Carrascos (M.^{mo} lugar) 1.^a camada superficial*

6412

Silex talhado, trapezidorme quase menisco; em uma porção de lamina trifacetada; bordo cortante, retilíneo, de aresta viva. Côr branca. Patina semi-luzente.

C. 0,041 L. 0,014 E. 0,003

Torres Novas — Gruta dos Carrascos (M.^{mo} lugar) 1.^a camada superficial*

6413

Silex talhado em forma de menisco em uma porção de lamina de secção trapezoidal; bordo retilíneo de aresta viva. Côr branca. Patina opaca.

C. 0,029 L. 0,010 E. 0,002

Torres Novas — Gruta dos Carrascos (M.^{ma} camada) 1.^a camada superficial*

6414

Silex talhado sobre uma porção de lamina bifacetada em forma de menisco um pouco alongado; o bordo cortante retilíneo e de aresta viva. Côr branca-amarelada. Patina opaca.

C. 0,036 L. 0,011 E. 0,003

Torres Novas — Gruta dos Carrascos (M.^{mo} lugar) 1.^a camada superficial*

6415

Silex talhado de forma semicircular sobre uma porção de lamina trifacetada; bordo cortante, retilíneo e de aresta viva; o outro abatido. Côr cinzenta-escura. Patina semi-luzente.

C. 0,022 L. 0,010 E. 0,003

Torres Novas — Gruta dos Carrascos (M.^{mo} lugar) 1.^a camada superficial*

6416

Silex talhado sobre uma porção de lamina trifacetada, de forma trapezoidal irregular; bordo de aresta viva, retilíneo; e parte do outro paralelo; os extremos abatidos. Côr atijolada clara. Patina semi-luzente.

C. 0,027 L. 0,010 E. 0,003

Torres Novas — Gruta dos Carrascos (M.^{mo} lugar) (1.^a camada superficial)*

6417

Pequeno silex talhado em uma porção de lamina de secção triangular, forma pontiaguda com um bordo sensivelmente retilíneo e de aresta viva e o outro trapezoidal e abatido com um esboço de pedunculo no topo oposto à ponta. Côr branca translucida. Patina semi-luzente.

C. 0,021 L. 0,007 E. 0,002

Torres Novas — Gruta dos Carrascos (M.^{mo} lugar) 1.^a camada superficial*

6418

Numeroso grupo de contas discoides perfuradas, quase anulares, faces chatas sensivelmente das mesmas dimensões; de concha ou de calcareo; brancas.

Diam.^o 0,009 E. 0,002

Torres Novas — Gruta dos Carrascos (M.^{mo} lugar) 1.^a camada superficial*

6419

Numerosissimo grupo de contas de chisto, discoides, perfuradas, de espessuras na maior parte inferiores a 0,002.

Diametros: 0,006 e 0,004.

Torres Novas — Gruta dos Carrascos (M.^{mo} lugar) 1.^a camada superficial*

6420

Grupo de pequenos cilindros brancos de... talvez em uso de colares. (sic)

Diametros: 0,004 na maior parte.

Torres Novas — Gruta dos Carrascos (M.^{mo} lugar) 1.^a camada superficial*

6421

Sete conchas (helix...) perfuradas com um só orifício; mais ou menos próximo do vértice. A maior mede de C. 0,012.

Torres Novas — Gruta dos Carrascos (M.^{mo} lugar) 1.^a camada superficial*

6422A. a 6422B.

Dois cacos de entre muitos outros lisos com pasta grosseira; um deles tem no bordo uma saliência estreita e levemente aberta relativamente ao bordo.

Torres Novas — Gruta dos Carrascos (M.^{mo} lugar) 1.^a camada superficial*

6423

Parte (metade) de uma argola ou aro de concha ou talvez peça completa de forma lunar e pontas aguçadas.

Diam. 0,054 L. 0,0075 E. 0,005

Torres Novas — Gruta dos Carrascos (M.^{mo} lugar) 1.^a camada superficial*

6424

Caixa com bagos de carvão de madeira.

Torres Novas — Gruta dos Carrascos (M.^{mo} lugar) 1.^a camada superficial*

6425

Haste de osso, alongada e estreita com uma ponta aguçada embora destruída e a base também quebrada (furador) em dois pedaços)

C. 0,096 L. 0,008 E. 0,005

Torres Novas — Gruta dos Carrascos (2.^a camada?)

6426A. a 6426F.

Conchas:

6426A. e B.: São... não são perfuradas

6426C. e D.: São... 6 pequeno orifícios (sic) de ambas pode não ser para suspensão, mas para a encção (sic).

6426E. e F.: São... também perfuradas com o bordo do orifício alisado; serviram de pingente.

Torres Novas — Gruta dos Carrascos (2.^a camada)

6427

Silex talhado em forma de lamina encurvada plurifacetada de ponta cortante e base com o conchoide de percussão. Côr branca amarelada. Patina semi-luzente. Bordos de aresta viva, sensivelm^{te} paralelos.

C. 0,073 L. 0,010 E. 0,0035

Torres Novas — Gruta dos Carrascos (1.^a e 2.^a camada)

6428

Silex em forma de lamina encurvada, irregularmente facetada; bordos de aresta viva mais ou menos rigorosamente paralelos; ponta cortante oblíqua; base com o plano de percussão, talhado. Côr branca com venulas atijoladas, patina quase luzente.

C. 0,044 L. 0,011 E. 0,003

Torres Novas — Gruta dos Carrascos (1.^a e 2.^a camada)

6429

Silex talhado em forma de lamina de secção triangular; bordos paralelos de aresta um pouco grossa; extremidades transversais. Côr branca levemente atijolada. Patina luzente.

C. 0,056 L. 0,012 E. 0,005

Torres Novas — Gruta dos Carrascos (1.^a e 2.^a camada)

6430

Silex talhado à feição de lamina de secção trapezoidal; bordos sensivelmente paralelos de aresta viva mas usada; ponta larga e grossa; base com o plano de percussão. Côr amarela. Patina luzente.

C. 0,051 L. 0,012 E. 0,004

Torres Novas — Gruta dos Carrascos (1.^a e 2.^a camada)

6431

Silex talhado em forma de larga lamina e delgada de secção trapezoidal; bordos de aresta viva usada; um tanto convergentes; extremidades, uma transversalmente truncada, a outra mais estreita e oblíqua. Côr cinzenta. Patina quase luzente.

C. 0,050 L. 0,021 E. 0,0025

Torres Novas — Gruta dos Carrascos (1.^a e 2.^a camada)

6432A. a 6432G.

Sete sílices talhados, incompletos, menos o último.

6432A. — C. 0,036 L. 0,014 E. 0,003

6432B. — C. 0,024 L. 0,011 E. 0,002

6432C. — C. 0,023 L. 0,012 E. 0,003

6432D. — C. 0,014 L. 0,011 E. 0,003

6432E. — C. 0,021 L. 0,012 E. 0,004

6432F. — C. 0,019 L. 0,012 E. 0,003

6432G. — C. 0,031 L. 0,020 E. 0,004

*Torres Novas — Gruta dos Carrascos (M.^{mo} depósito) 1.^a e 2.^a camada**

6433

Silex talhado quase em forma de segmento de círculo em uma porção de lamina de secção trapezoidal; um bordo de aresta viva levemente incurvado; o outro abatido e grosso. Côr cinzenta muito escura, patina semi-luzente.

C. 0,033 L. 0,009 E. 0,0025

*Torres Novas — Gruta dos Carrascos (M.^{mo} depósito) 1.^a e 2.^a camada**

6434

Silex talhado de forma trapezoidal em um trecho de lamina trifacetada; dois bordos de aresta viva; os extremos abatidos em linha diagonal. Côr cinzenta muito escura. Patina semi-luzente.

C. 0,038 L. 0,013 E. 0,003

*Torres Novas — Gruta dos Carrascos (M.^{mo} depósito) 1.^a e 2.^a camada**

6435

Silex talhado sobre uma porção de lamina sensivelmente bifacetada, em forma aproximadamente triangular; um bordo de aresta viva, cortante; pontas agudas; lados abatidos. Côr branca levemente atijolada. Patina opaca.

C. 0,030 L. 0,012 E. 0,003

Torres Novas — Gruta dos Carrascos (M.^{mo} depósito) 1.^a e 2.^a camada*

6436

Silex talhado em forma de segmento de circulo solar sobre uma porção de lamina bifacetada, em bordo de aresta viva e quase rectilíneo; o outro espesso, abatido e em arco. Côr branca violacea. Patina opaca.

C. 0,026 L. 0,007 E. 0,0025

Torres Novas — Gruta dos Carrascos (M.^{mo} depósito) 1.^a e 2.^a camada*

6437

Silex talhado sobre um trecho de lamina bifacetada, em forma de segmento de circulo pontiagudo em um dos extremos; bordo rectilíneo, de aresta viva; o outro abatido na espessura. Côr cinzenta amarelada. Patina semi-luzente.

Torres Novas — Gruta dos Carrascos (M.^{mo} depósito) 1.^a e 2.^a camada*

6438

Silex talhado em forma de trapezio irregular sobre uma porção de lamina trifacetada; dois bordos de aresta viva, desiguais em comprimento, os lados do trapézio abatidos na espessura. Côr amarela translúcida. Patina luzente.

C. 0,026 L. 0,010 E. 0,002

Torres Novas — Gruta dos Carrascos (M.^{mo} depósito) 1.^a e 2.^a camada*

6439

Silex talhado em um troço de lamina bifacetada e em forma de meio circulo; bordo rectilíneo de aresta viva; o outro em arco e abatido na espessura. Côr cinzenta e atijolada; patina semi-luzente.

C. 0,019 L. 0,010 E. 0,002

Torres Novas — Gruta dos Carrascos (M.^{mo} depósito) 1.^a e 2.^a camada*

6440

Silex talhado em uma secção de lamina aproximadamente bifacetada e em forma de segmento de circulo ou melhor de arco parabolico; bordo rectilíneo de aresta viva; o outro abatido na espessura. Côr cinzenta clara. Patina semi-luzente.

C. 0,019 L. 0,014 E. 0,002

Torres Novas — Gruta dos Carrascos (M.^{mo} depósito) 1.^a e 2.^a camada*

6441A. e 6441B.

Dois fragmentos ceramicos; o 1.^o com parte de bordo e asa nela, quase funicular, com ornamentação em zonas verticais; o outro liso. Espessura do 1.^o 0,008, do 2.^o 0,009

Torres Novas — Gruta dos Carrascos (2.^a camada)

6442

Grupo, de contas discoides, quase anulares, brancas de osso ou concha; espessura aproximadamente igual — 0,002 e diametro 0,009.

Torres Novas — Gruta dos Carrascos (1.^a e 2.^a camada)

86

6443

Numerosa coleção de contas discoides perfuradas de chisto de diametro aproximado de 0,006 e de espessura maxima de 0,001.

Torres Novas — Gruta dos Carrascos (1.^a e 2.^a camada)

6444

Conta cilindrica de osso(?) com incrustações.

Altura: 0,006 Diam. 0,008.

*Torres Novas — Gruta dos Carrascos (M.^{mo} depósito) 1.^a e 2.^a camada**

6445

Fragmento de carvão de madeira.

Torres Novas — Gruta dos Carrascos (junto da parede SE)

Resumé

Dans la région d'ALCANENA (SANTARÉM, PORTUGAL) on trouve un ensemble funéraire qui présente la particularité d'être lié, semble-t-il, à la culture mégalithique portugaise.

Les sépultures se trouvent dans des grottes naturelles, mais les objets de culte sont identiques à ceux des antas du Groupe Mégalithique de Crato/Nisa, dans le Haut-Alentejo.

Les trois nécropoles les plus importantes de la région, d'après les auteurs, sont les grottes da Galinha, dos Carrascos (fouillés au début du siècle) ainsi que celle de Marmota (en cours de fouille).

Cette communication apporte des nouvelles vues sur les matériaux inédits de la Gruta dos Carrascos et proposent leur comparaison avec ceux des deux autres.

On doit souligner la présence de géométriques, de lames sans retouche, d'herminettes, de haches polies et de céramique (quelques fragments avec almagre). La céramique semble indiquer la fin du Néolithique Ancien, pour un petit ensemble de fragments, et le Néolithique Moyen pour les autres, en particulier ceux avec almagre.

